



atos

do conselho geral

ano LXXIX abril - junho 1998

Nº 363

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 363
ano LXXIX
abril-junho
1998

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Juan E. VECCHI "ESPECIALISTAS, TESTEMUNHAS E ARTÍFICES DE COMUNHÃO"	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Giuseppe NICOLUSSI A REVISÃO DA "RATIO" PEDIDA PELO CG24 Contribuição das Inspetorias	42
	2.2. RECONHECIMENTO DE PERTENÇA À FAMÍLIA SALESIANA	48
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor	56
	4.2. Crônica do Conselho Geral	67
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana (XX Encontro)	71
	5.2. Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana "Nossa Senhora da Paz", da África Ocidental de Língua Francesa	73
	5.3. Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana "Nossa Senhora da África", da África Tropical Equatorial	74
	5.4. Decreto de ereção canônica da Inspetoria Salesiana "São João Bosco" da África Este	76
	5.5. Carta do Conselheiro para a Formação sobre o plano inspetorial de qualificação do pessoal	77
	5.6. Novos Inspetores	79
	5.7. Novo Bispo Salesiano	84
	5.8. Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.1997	85
	5.9. Irmãos falecidos	87

Tradução: *P. José Antenor Velho*



**Editora Salesiana
DOM BOSCO**

Rua Dom Bosco, 441

CEP 03105-020 – São Paulo – SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Fax: (011) 279-4084 (Vendas)

Telex:(011) 32 431 ESPS BR

E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

«ESPECIALISTAS, TESTEMUNHAS E ARTÍFICES DE COMUNHÃO»¹

A comunidade salesiana – núcleo animador

Introdução. – I. Uma nova fase em nossa vida comunitária. – 1. Expectativas concentradas. – 2. Núcleo animador. – 3. Ponto de chegada. – 4. O momento atual. – 5. O nosso modelo de referência. – II. Um itinerário comunitário para tornar-se núcleo animador. – 1. Redesenhar a missão. – 2. Viver e propor-se a comunicar uma espiritualidade. – 3. Fazer da comunidade salesiana uma “família”, capaz de suscitar comunhão ao redor da missão salesiana. – 4. Dar o dinamismo missionário do “Da mihi animas” à ação educativa nossa e da CEP. – 5. Vida fraterna e trabalho pastoral para crescer. – Conclusão.

Roma, 25 de março de 1998
Solenidade da Anunciação do Senhor

Caríssimos,

1998 vê todas as Inspetorias empenhadas na preparação e na realização dos Capítulos Inspetoriais. É uma graça que o Senhor distribui com generosidade entre as nossas noventa e uma circunscrições, e que será derramada sobre a vida da Congregação inteira. Não pensemos nos Capítulos como prazos jurídicos ou apenas como assembleias deliberativas. Para nós, eles constituem experiências, celebrações e momentos de relançamento da comunhão que nos une na consagração religiosa e na missão juvenil.

Os Capítulos Inspetoriais refletirão e indicarão linhas operativas quanto à participação dos leigos no carisma salesiano e, portanto, quanto à maior responsabilidade que se vai desenhando para nós. Nesse sentido, são chamados a dar uma contribuição que marcará o nosso futuro.

¹ “Religiosos e Promoção humana” 24, in *A vida fraterna em comunidade* n. 10.

Esse acontecimento de Congregação insere-se num movimento eclesial que é imediatamente observável através dos seis Sínodos que precedem o Jubileu: realização visível e operativa da comunhão segundo as novas dimensões da Igreja e do mundo. Pude fazer, pessoalmente, a experiência disso no Sínodo da América do qual participei com outros.

Isso sugeriu-me o argumento desta carta que vos entrego como estímulo à reflexão, mais do que como apresentação completa do tema, dada a vastidão e complexidade apresentado por ele.

A minha recente visita à África para a ereção de duas novas Visitadorias² foi, se houvesse necessidade disso, uma nova prova das potencialidades existentes na vida fraterna “salesiana”, segundo o espírito e o estilo das origens, codificados hoje nas Constituições e Regulamentos: potencialidade para cada um de nós, para a missão, para os jovens que vêm aos nossos ambientes, para aqueles que estão dispostos a colaborar conosco, para o povo. Justifica-se, portanto, que se lhes dê, neste momento, uma atenção particular.

I. Uma nova fase em nossa vida comunitária

1. Expectativas concentradas

Os últimos Capítulos Gerais formularam orientações e propostas orgânicas para a educação dos jovens à fé³ e para a participação dos leigos na missão salesiana⁴. A realização dessas propostas exige que se dê vida a algumas realidades relacionadas intimamente com elas: a constituição da comunidade educativo-pastoral, a sua animação por parte do grupo de salesianos, a leitura da situação atual e da mentalidade juvenil, a elaboração do projeto educativo-pastoral. O conjunto delinea o “modelo” pastoral, segundo o qual en-

² África Tropical Equatorial (ATE) e África Ocidental de Língua Francesa (AFO).

³ cf. CG23.

⁴ cf. CG24.

tendemos agir, com indicações operativas para enfrentar o momento presente na fidelidade ao critério do Sistema Preventivo.

Lendo essas orientações, mesmo com um mínimo de atenção, percebe-se logo que a possibilidade de traduzi-las em prática apóia-se num fator que se tem como sólido e quase garantido: a **comunidade salesiana**.

A comunidade, de fato, é convidada a ler os desafios que vêm dos jovens e a pensar no caminho a ser proposto para o amadurecimento de sua fé. A comunidade é chamada, pois, a viver e comunicar uma espiritualidade, sem a qual são inúteis os esforços para colocar os jovens em contato com o mistério de Jesus. É entregue-se à comunidade a tarefa de convocar, envolver, co-responsabilizar e formar os leigos.

A comunidade é onipresente nas orientações, mesmo se nem sempre seja explicitamente o seu tema. É o sujeito e o primeiro destinatário das propostas. A ela nos voltamos e nela confiamos.

Encontra-se a confirmação permanente disso nos encontros e documentos em que se estudam as condições da nossa fecundidade vocacional, da nossa significatividade, da nossa renovação. Depois de ter buscado o que fazer quanto ao problema em questão, depois de ter compreendido como e por que fazer, quando se chega à pergunta sobre quem pode fazê-lo, a conclusão normal é: *precisa-se de uma comunidade...* e seguem as condições.

Qual a comunidade às quais se referem essas expectativas? À comunidade local, à inspetorial ou à mundial? Entendem-se sempre os três níveis que trabalham juntos e de maneira intercomunicante, como indicam as Constituições: «As comunidades locais são parte viva da comunidade inspetorial»⁵; «a profissão religiosa incorpora o salesiano na comunhão de espírito, de testemunho e de serviço que a Congregação vive na Igreja universal»⁶, ou seja, na comunidade mundial.

⁵ C 59.

⁶ cf. C 59.

Entretanto, examinando melhor as deliberações dos dois últimos Capítulos Gerais percebe-se que o ponto focal, aquele do qual se parte e ao qual se retorna, é a comunidade local. As tarefas mais numerosas e mais determinantes são entregues a ela. À Inspeção pede-se que garanta as condições para que as comunidades locais funcionem, projete a missão no território, anime, dando apoio e estímulo e criando uma comunicação enriquecedora entre as comunidades locais.

Não se põem em questão a identidade, a organização mundial ou as orientações que garantem a nossa unidade e os espaços de criatividade para cada Inspeção. Estímulos, encaminhamentos e subsídios produzidos pelos Capítulos e pelo Conselho Geral não só são abundantes, mas traduzem fielmente a renovação eclesial e parecem adequados ao tempo em que vivemos.

O que se olha primariamente é a vitalidade, a capacidade de reação daquelas que podemos chamar células ou órgãos da Congregação: as comunidades locais e, em função delas, as inspetoriais.

Não é difícil entender os motivos disso. As comunidades locais são os lugares do nosso cotidiano: ali exprimimos a nossa vida consagrada e a qualidade do nosso trabalho de educação. Elas estão em contato direto com os jovens e o povo; sentem as situações na própria pele e devem pensar no testemunho de vida e nas iniciativas apostólicas com que lhes responder. As indicações operativas têm o seu banco de prova na comunidade local: nela pode-se verificar a sua validade e avaliar se são praticáveis em nossas condições atuais.

Há uma outra razão. Só envolvendo as comunidades locais podem-se empenhar todos, ou ao menos o maior número de irmãos, no esforço de repensar uma pedagogia da fé e uma nova dinâmica comunitária. São poucos os irmãos empenhados nos níveis inspetoriais e mundiais, embora sua função seja de grande importância e incidência.

A comunidade, então, particularmente aquela colocada sob o olhar direto dos jovens e do povo, em que se desenrola a nossa vida cotidiana, é o ponto onde são concentradas as

grandes expectativas de significatividade e de eficácia apostólica.

As expectativas de significado são bem expressas nas perspectivas teológicas de que são ricos tanto o documento *A vida fraterna em comunidade*⁷, quanto a parte da Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, cujo título é «Signum fraternitatis». São páginas a serem reeditadas para tirar delas sempre novas motivações espirituais e práticas: imagem da Trindade, sinal da comunhão eclesial, manifestação profética da seqüela, escola do amor cristão, lugar onde se faz experiência de Deus.

As expectativas “salesianas” foram também representadas com imagens que dão imediatamente a idéia das exigências e dos resultados: a comunidade é e constitui-se como família; torna-se *sinal, escola e ambiente de fé*; pensa-mo-la como *lugar privilegiado para a formação contínua*.

Na continuidade dessas imagens, o CG24 fez emergir uma outra com força particular, que corresponde à fase de renovação que estamos percorrendo, ou melhor, é o seu elemento central, o motor: **núcleo animador**.

Quero deter-me particularmente sobre ela nesta carta, retomando a partir desse aspecto as demais dimensões da comunidade.

2. Núcleo animador

Já é uma expressão corrente do nosso vocabulário. Indica um sinal da nossa maneira atual de conceber o trabalho pastoral, intimamente relacionado com outros não menos importantes, como a participação dos leigos na missão, o crescimento da comunidade educativa, a elaboração do projeto, a partilha do estilo pedagógico, a comunicação da espiritualidade salesiana.

⁷ cf. *A vida fraterna em comunidade*, “*Congregavit nos in unum Christi amor*”, Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, Roma, 2 de fevereiro de 1994.

Forma com eles um “sistema”, e eles não serão possíveis se não for realizado quanto se afirma do núcleo animador. E, vice-versa, não se entendem os fins e o sentido prático da expressão “núcleo animador” se ela não estiver relacionada com todo o “sistema”. Isso é bem expresso no artigo 5 dos Regulamentos Gerais, inserido na seqüência de indicações que orientam a nossa práxis pedagógica e pastoral: «A atuação do nosso projeto exige, em todos os ambientes e obras, a formação da comunidade educativo-pastoral. Seu núcleo animador é a comunidade religiosa»⁸.

A freqüência da expressão nos Capítulos 23 e 24, as esperanças que se depositam em sua compreensão e no seu funcionamento têm justamente chamado a atenção dos irmãos. Eles entenderam que é urgente traduzir na prática as afirmações capitulares. E estando ainda em fase de discussão, colocam interrogativos quanto à sua concepção e realização.

Creio mais do que justificados os não poucos pedidos de esclarecimento que são dirigidos a mim e aos membros do Conselho quando temos a alegria de encontrá-los. Retomo de boa vontade alguns desses pedidos, observando, contudo, que não se encontram soluções de uso imediato e universal nas respostas. São, porém, úteis como pontos de entendimento, como coleta da experiência já feita e como estímulo a continuar a busca, a experimentação e a codificação da práxis.

O que entendemos por “núcleo animador”? Trata-se de um grupo de pessoas que se identifica com a missão, com o sistema educativo e com a espiritualidade salesiana, e assume solidariamente a missão de convocar, motivar, envolver todos os que se interessam por uma obra, para formar com eles a comunidade educativa e realizar o projeto de evangelização e educação dos jovens.

O ponto de referência para o grupo é **a comunidade salesiana**. O que significa que os salesianos, todos e sempre, fazem parte do núcleo animador. Cada um, ancião ou

⁸ R 5.

jovem, diretamente empenhado em funções operativas ou em repouso, dá a contribuição permitida pela sua preparação ou situação.

Quer dizer que, de acordo com as condições enunciadas anteriormente, também os leigos fazem parte dela.

Quer dizer que o núcleo local pode ser formado, até mesmo, principalmente, de leigos, tendo sempre por trás um apoio suficiente por parte dos salesianos, na localidade ou na Inspeção. Isso acontece nas obras que ultimamente tivemos de animar através da tutela, do patrocínio ou da presença de garantia.

Sublinhe-se que a comunidade “salesiana”, o seu patrimônio espiritual, o seu estilo pedagógico, as suas relações de fraternidade e de co-responsabilidade na missão representam em todo caso o modelo de referência para a identidade pastoral do núcleo animador.

A modalidade de referência almejada, que se deve tender a realizar nos planos inspetoriais de reorganização e redimensionamento, é aquela em que a comunidade salesiana está presente em número e qualidade suficiente para animar, com alguns leigos, um projeto e uma comunidade educativa, admitindo que ela consente variedade de realizações quanto ao número de irmãos e de funções.

A segunda modalidade, em que só os leigos constituem o núcleo animador imediato, é complementar, isto é, uma possibilidade aberta que resolve casos especiais, de pessoal e de iniciativas, e olha sempre para o “núcleo salesiano” como modelo carismático para nele inspirar-se e apoiar-se.

3. Ponto de chegada

Em relação às indicações anteriores, alguém pergunta se se trata de necessidade ou de opção. Deve-se dizer que o caminho da Igreja, as mudanças na sociedade com reflexos na área educativa, os nossos tempos de repensamento e de revisão, confluíram no conceito de *comunidade núcleo animador* com a força da evidência. Hoje não estão em causa

as convicções e as orientações a respeito, mas as realizações concretas e as nossas capacidades de atuá-las.

Convém referir-se, embora por acenos, aos motivos das opções, porque elas sugerem atitudes úteis.

As iniciativas educativas e pastorais tornaram-se hoje abertas e regem-se por critérios de participação. Nelas trabalham numerosos leigos que, aumentados ultimamente, constituem a “maioria numérica”; nela intervêm pais e colaboradores; nela relaciona-se com organismos civis e outras agências educativas; elas abrem-se ao bairro e a uma rede de amigos e benfeitores; trata-se de um mundo de gestão complexa em que nem tudo pode ser feito diretamente e que exige algumas responsabilidades complementares e variadas competências.

Enquanto os ambientes educativos tradicionais adquirem novas dimensões, os espaços e as iniciativas para chegar aos jovens diversificam-se e multiplicam-se com programas adequados às suas diversas condições. De um lado, deve-se administrar ambientes sempre maiores, complexos e articulados; de outro, há o apelo de novos campos educativos provocados pelas atuais necessidades e pobreza. Isso comportou e comporta não só maiores forças do ponto de vista numérico, mas maior competência e maior ligação em todas as direções, segundo a natureza complexa da sociedade.

Tudo isso, porém, foi apenas o detonador. A razão determinante que nos levou a conceber a comunidade como núcleo animador foi a nova estação vivida pela Igreja. Ela revela uma consciência aguda de ser comunhão com Deus e entre os homens e toma a comunhão como a principal via para realizar a salvação do homem.

Isso não pode deixar de produzir modificações notáveis na práxis pastoral. Tudo adquire sentido e dimensão à luz da comunhão. As comunidades eclesiais tornam-se sujeitos solidários da missão; no seu interior são valorizadas as vocações dos religiosos, dos ministros ordenados e dos leigos, segundo o dom específico que o Espírito deu a cada um. Suas respectivas experiências interagem enriquecendo-se e

empenham-se juntas na evangelização, que resulta “nova” também por este elemento: o sujeito eclesial que a realiza, no qual emerge hoje a importância do laicato.

Não foi um caminho curto. A faina pré-conciliar, a reflexão do Concílio, o esforço de reorganizar a vida eclesial e a pastoral no pós-Concílio, a síntese doutrinal e a prática amadurecida nos anos que nos levam ao ano dois mil, os Sínodos sobre os leigos, sobre os ministros ordenados e sobre a vida consagrada e as conseqüentes Exortações Apostólicas esclareceram a forma das diversas vocações se completarem, enriquecerem, coordenarem; ou melhor, elas não conseguem ter uma identidade original a não ser na referência recíproca no interior da comunidade eclesial.

Nós, por outro lado, vemos essa forma de ser religiosos e de trabalhar pelos jovens no momento nascente da Família Salesiana. Dom Bosco, desde os inícios, envolve muitas pessoas com o seu testemunho e a novidade do seu trabalho; suscita a adesão de eclesiásticos e leigos; atrai para a sua obra homens e mulheres que o ajudam a dar catecismo, a levantar escolas e oficinas, a animar o pátio, a colocar os mais necessitados junto de um patrão honesto. Com eles dá origem a grupos e formas ocasionais de cooperação.

Quando sente a necessidade de acolher alguns jovens em casa, cria uma família com a colaboração de Mamãe Margarida, com quem compartilha o governo da casa. O seu plano é a união de todos os “bons” e o alargamento máximo da colaboração. Sonha essa colaboração, propõe-na, começa a realizá-la com convites orais, amizade e cartas⁹.

Chega logo a convencer-se da necessidade dos “consagrados”, e não só porque a continuidade da obra exigia pessoas inteiramente disponíveis aos jovens, mas pela qualidade “religiosa” da educação que tanto desejava, a ponto de querer um sacerdote como sua cabeça. Não se tratava só de livrar os jovens da situação de pobreza econômica ou de prepará-los à vida com os estudos e a aprendizagem de um

⁹ cf. Braidó, P., *Il progetto operativo di Don Bosco e l'utopia della società cristiana*. LAS Roma 1982, pág. 11.

ofício, nem sequer só de educar o senso religioso ou a consciência, mas de fazê-los encontrar Jesus Cristo vivo através da graça da fé, da eficácia dos sacramentos e da participação na comunidade eclesial.

As vocações “à consagração” deviam ser encontradas entre os seus próprios jovens. Começou, então, a reunir alguns deles, convidou-os a formarem uma Sociedade, pediu-lhes que ficassem com Ele para sempre, que se comprometessem totalmente e por toda a vida numa obra de caridade, que votassem a própria vida à seqüela de Cristo obediente, pobre, casto para um serviço fiel a Deus e aos jovens.

O nosso carisma vê a luz, portanto, num contexto de comunhão “familiar e educativa”, animado pela abertura quase sem limites à colaboração no bem em círculos diversos, com um desígnio preciso de criar cooperação, solidariedade e comunhão.

4. O momento atual

Refletiu-se bastante nos últimos tempos sobre a comunidade consagrada.

Interessava a qualidade da vida fraterna em relação às legítimas exigências surgidas hoje na comunidade, às condições de vida que elas requerem, às novas possibilidades de relação e comunicação que se descobrem como consequência da cultura, da renovação eclesial e da sensibilidade atual das pessoas.

Interessava, também, e muito o serviço à comunhão cristã e humana que as comunidades consagradas são chamadas a realizar neste momento particular da Igreja (evangelização, ecumenismo, diálogo inter-religioso) e diante do clima do mundo (paz, comunicação, reconciliação, conflitos étnicos, caráter intercultural da sociedade, globalização).

Os dois níveis cruzam-se, são interdependentes: é através da experiência de fraternidade em Cristo que se torna “especialista” de comunhão. Por isso um arrasta o outro;

ambos devem ser despertados e renovados numa fase em que a comunidade deve fazer as contas com *algumas condições*.

Uma é a *sua composição* atual: diminui o número de membros nas comunidades e, em alguns casos, vive-se nos limites. Além de ver-se em número exíguo, os irmãos pertencem a diversas gerações; às vezes, é preponderante a presença de pessoas de mais idade e anciãs. O que não representa uma desvantagem, no caso da presença preponderante de anciãos, sobretudo quando vivido de modo positivo no que se refere ao número reduzido, como possibilidade de dar maior responsabilidade a cada um e como possibilidade de intercâmbio e de experiência carismática entre as gerações. Certamente, porém, essa composição exige uma nova capacidade de relações e adaptações variadas.

Um segundo elemento a ser considerado refere-se à *relação que se está criando entre comunidade e obra apostólica*. Em alguns lugares já não se tem mais a responsabilidade exclusiva da obra; nem todos os componentes da comunidade religiosa estão envolvidos nela; muitas vezes estão distribuídos nos diversos setores com pouca comunicação recíproca. Sente-se a desproporção entre o pessoal religioso e a dimensão da obra. Há, como conseqüência, o abundante intercâmbio de idéias e a partilha de responsabilidades entre os religiosos ainda ativos e os leigos que colaboram, e menos com os membros da comunidade religiosa. Em muitos casos a sobrecarga de funções ainda distancia alguns irmãos do ritmo regular de encontro com a comunidade.

Um terceiro elemento é a *maior inserção* da comunidade na dinâmica da Igreja e uma maior abertura ao contexto social. A vida consagrada é vista não como o “retirar-se” das questões que interessam ao homem, mas como o inserir-se nelas com uma contribuição original e para uma missão específica. Conseqüentemente há um multiplicar-se de relações e intercâmbios com o externo. O tempo para a comunidade é menor e ela é menos recolhida e protegida, mais atravessada pela complexidade da vida e pelos estímulos do ambiente. Complexidade, acontecimentos, tendências, ima-

gens penetram através dos meios de comunicação social sempre mais individualizados e desafiam não só a qualidade e a frequência das relações, mas também a capacidade de julgamento evangélico da comunidade.

O fato mais importante refere-se, porém, à *passagem da insistência sobre a vida em comum àquela sobre a fraternidade*, determinada pelas circunstâncias de trabalho e pelas novas exigências das pessoas.

Os dois termos, *vida comum e vida fraterna em comunidade*, dão imediatamente a idéia. Percebe-se com facilidade os seus valores diversos. “Vida em comum” quer dizer “habitar juntos na mesma casa religiosa legitimamente constituída” e fazer juntos as mesmas ações (rezar, comer, trabalhar, etc.) segundo as mesmas normas. Para a vida comum é importante reunir-se fisicamente.

“Vida fraterna em comunidade” quer dizer, antes de tudo, acolhida da pessoa, qualidade das relações interpessoais, amizade, possibilidade de verdadeiro afeto, alegria de estar e trabalhar juntos, participação ativa de todos na vida do grupo. Damos hoje maior importância à união das pessoas, à valorização e papel ativo de cada um, à convergência dos intentos.

Vida comum e fraternidade estão relacionadas. «É claro que a ‘vida fraterna’ não será automaticamente realizada pela observância das normas que regulam a vida em comum; é evidente, porém, que a vida em comum tem a finalidade de favorecer intensamente a vida fraterna»¹⁰.

É preciso encontrar um equilíbrio: nem a pura comunhão de espíritos, desvalorizando as manifestações da vida em comum, nem tanta insistência legal sobre a vida em comum, a ponto de colocar em segundo lugar os aspectos mais substanciais da fraternidade em Cristo: «Amai-vos uns aos outros. Disso todos conhecerão que sois meus discípulos»¹¹.

As nossas Constituições ajudam a compreender e realizar o equilíbrio e a fusão dos dois aspectos. Dizem-nos que

¹⁰ *A vida fraterna em comunidade*, n. 3.

¹¹ *Jo* 13,34-35.

temos momentos em comum; caracterizados pelo espírito de família¹², eles tendem a criar entre nós uma relação madura, abrir-nos à comunicação, tornar-nos capazes de compartilhar «alegrias e dores (...) experiências e projetos apostólicos»¹³.

O bom ordenamento e equilíbrio dos dois elementos realiza a vontade e a exigência de formar comunidades verdadeiras, de acordo com as condições de cada grupo e as aspirações da pessoa; comunidades profundamente renovadas, sejam elas pequenas, médias ou grandes, que de qualquer modo devam animar obras tradicionais ou estejam inseridas de forma mais viva entre o povo, mas sempre capazes de ajudar as pessoas a crescerem humana e religiosamente, a exprimirem com maior transparência aquilo que crêem e comungam, capazes de suscitar o desejo de a elas pertencer, ou seja, comunidades com capacidades vocacionais.

5. O nosso modelo comunitário

Todas as formas de vida religiosa têm um elemento indispensável na comunidade. Cada uma realiza-a, porém, de forma própria e diversa.

A nossa vida comunitária reflete sobretudo aquela vivida por Jesus com os Apóstolos. Ele escolheu-os «para tê-los consigo, para enviá-los a pregar e para que tivessem o poder de expulsar demônios»¹⁴. Desde então, e em força desse chamado, eles formaram um grupo solidário na fidelidade ao mestre e à sua causa. Juntos gozaram da familiaridade de Jesus e escutaram explicações exclusivas sobre o mistério do Reino. Juntos foram testemunhas diretas de alguns momentos e participantes de acontecimentos centrais na vida de Jesus. Juntos aprenderam dele a rezar em solidão e em contato com os homens; foram solidariamente deputedos a organizar a multidão na multiplicação dos pães e

¹² cf. C 51.

¹³ *Ib.*

¹⁴ *Mc* 3,13-15.

todos, embora em aldeias diversas, foram enviados a preparar a chegada de Jesus e anunciar o Evangelho. Recolhiam-se ao redor do Senhor para comentar as peripécias de suas caminhadas e tiveram até mesmo algumas contendas passageiras sobre a natureza do Reino e a sua participação na causa de Jesus. Ele ensinou-lhes as atitudes necessárias para segui-lo e para construírem a união recíproca: o serviço, o perdão, a humildade nas exigências, o não julgar, a generosidade desinteressada. Com a pregação do evangelho e «para que o mundo creia»¹⁵, ordenou-lhes que vivessem unidos; por eles rezou «a fim de que todos sejam um»¹⁶. Juntos, com Maria, receberam o Espírito e decidiram-se a criar comunidades, animando-as com a palavra, a Eucaristia, o serviço da autoridade.

O modelo apostólico é-nos mediado pela experiência carismática dos nossos inícios. Dom Bosco, na seqüela de Cristo Bom Pastor, recolheu ao seu redor alguns jovens discípulos afeiçoados a ele para participarem do serviço dos oratórios. Pede-lhes que fiquem e trabalhem pelos jovens o tempo todo e por toda a vida. Com eles volta-se aos espaços geográficos que levam à expansão da Congregação e burila os traços espirituais que dão uma fisionomia típica à sua família.

É uma comunidade não só para os jovens, mas com os jovens: participa de suas vidas e adapta-se às suas exigências. A presença dos jovens determina os horários, o estilo de trabalho, a modalidade da oração. Ficar com Dom Bosco significa querer estar entre os jovens, oferecer-lhes tudo o que se é e se tem: coração, mente, vontade; amizade e trabalho; simpatia, serviço. Nessa relação e nesse ambiente amadurece a identidade da comunidade e dos indivíduos.

É uma comunidade com forte carga espiritual, caracterizada pelo “Da mihi animas”. Dom Bosco forja os seus primeiros colaboradores, com simplicidade e solidez segundo o programa: trabalho, oração, temperança. Pede-lhes que

¹⁵ Jo 17,21.

¹⁶ *Ib.*

façam um “exercício de caridade” em favor do próximo. O amor a Jesus Cristo e a confiança em sua graça inspira a preocupação pelo bem dos meninos, a partir de suas necessidades humanas e espirituais. Ajudam-se os mais abandonados a tomar contato com Deus e com a Igreja e orientam-se explicitamente à santidade aqueles que demonstram particulares disposições. A proximidade de Deus e a presença de Maria Santíssima tornam-se quase sensíveis.

De forma alguma extraordinária, formada por jovens ricos de entusiasmo, mas com pouca experiência, alguns com notáveis qualidades e outros normais e até mesmo modestos, a comunidade é orientada por Dom Bosco com senso concreto, segundo os recursos de cada um, em vista da “missão” sentida por todos como única e “comum”. Existem papéis, tarefas e trabalhos diversos, em espaços muito abertos; mas o sentido de pertença ao oratório e a Dom Bosco é geral. A variedade de serviços e de papéis, a dimensão e a distribuição dos espaços, a diversidade das competências não o diminuem ou ofuscam.

Embora com momentos de tensão ou de dificuldades, que conhecemos, a comunidade de Valdocco mostrava-se *unida ao redor do projeto de ação e à pessoa do Diretor*, condição que Dom Bosco considerava fundamental para a eficácia apostólica. Ele esforçava-se em favorecer a criatividade, envolver a todos, através de formas espontâneas e estáveis de participação, em vista da unidade do trabalho, da harmonia das pessoas e da concordância dos critérios.

A comunidade torna-se assim *a alma de um ambiente que atrai e conquista* o coração dos jovens: produz um clima de familiaridade, que favorece a espontaneidade e leva à confiança; exprime em comum “a caridade pedagógica”, bondade que faz perceber o afeto e suscita correspondência¹⁷. Ela será apresentada por Dom Bosco na Introdução às Regras com estas palavras: «Quando o amor fraterno reina numa comunidade e todos os sócios amam-se reciprocamen-

¹⁷ cf. Carta de 1884.

te, e cada um alegra-se com o bem do outro, como se fosse um bem próprio, então aquela Casa torna-se um Paraíso».

A comunidade oratoriana e juvenil não é isolada nem fechada. Relaciona-se com pessoas significativas, variadas associações, religiosas e civis, e com o contexto citadino. Dom Bosco, inicialmente, pensa-a unida à Associação dos Cooperadores, como se fossem dois ramos da mesma árvore. Assim escreve no Regulamento dos Cooperadores: «*A Congregação, tendo sido aprovada definitivamente pela Igreja, pode servir de vínculo seguro e estável para os Cooperadores Salesianos. De fato, ela tem como finalidade primária, trabalhar em benefício da juventude em que se funda o bom ou o triste futuro da sociedade. Com esta proposta não entendemos dizer que seja esse o único meio para prover a essa necessidade, porque existem mil outros deles, que nós recomendamos prementemente sejam postos em ação. Nós, por nossa vez, propomos um deles, e é a obra dos Cooperadores Salesianos*»¹⁸.

No centro do mundo, aberto e em movimento, que era Valdocco, Dom Bosco, guiado pelo Senhor, quis pessoas consagradas que arrastassem outras forças apostólicas envolvidas no mesmo projeto, garantia de desenvolvimento e de continuidade da missão.

A *missão*, levada adiante com o mesmo espírito de Valdocco, oferece às nossas comunidades o critério para resolver as eventuais tensões. O que não diminui de nenhum modo a fraternidade, mas dá-lhe uma face concreta. Se diminuísse o sentido da missão juvenil, educativa, a nossa mesma fraternidade perderia a originalidade e a força de comunicação. Não seria aquele alvéolo vivo que foi o oratório, mas apenas uma sua reprodução “fixa”.

A missão, por outro lado, não é uma inserção individual, pelo que se retorna à comunidade apenas para rezar e repousar, ou de vez em quando: nós partilhamos a vida e assumimos em co-responsabilidade o trabalho apostólico: «Viver e

¹⁸ Bosco G., *Regulamento para os Cooperadores*, transcrito in *Regulamento de Vida apostólica*, pág. 87.

trabalhar juntos é para nós salesianos exigência fundamental e caminho seguro para realizarmos a nossa vocação»¹⁹.

A missão salesiana é comunitária pela sua natureza. As Constituições afirmam-no com muita clareza²⁰, com a força de uma definição: a missão é confiada à comunidade, inspetorial e local²¹.

É missão juvenil: visa o crescimento dos jovens segundo as energias colocadas por Deus em cada pessoa e a graça comunicada por Cristo ao mundo. O Sistema Preventivo, que sintetiza os seus conteúdos, práxis e caminhos, requer um ambiente de família e, portanto, um tecido de relações. Não somos preceptores de indivíduos, nem educadores “privados”: agimos em e através de uma comunidade e procuramos criar amplos ambientes juvenis. O conjunto dos conteúdos e das experiências, reconhecidos pela práxis educativa como adequados ao crescimento humano e de fé dos jovens, requer uma sinergia convergente de intervenções que não podem ser realizadas por uma só pessoa.

Acrescentemos ainda que os jovens devem ser guiados à maturidade nas relações e à vida social, com tudo o que ela implica; e que o caminho de fé que propomos tem como objetivo levá-los à experiência de comunidade cristã vivida segundo suas dimensões características.

A comunhão e a fraternidade, a comunidade e a família são, então, condição, caminho e parte substancial da missão, o que nos convida a fazer dela uma experiência autêntica e a sermos seus especialistas e artífices.

II. Um itinerário comunitário para tornar-se núcleo animador

As reflexões anteriores trazem novos interrogativos: o que qualifica a comunidade salesiana, para que seja núcleo animador de um conjunto numeroso de pessoas, não raramente preparadas de maneira profissional? O que exige dela

¹⁹ C 49.

²⁰ cf. C SDB 44; C FMA 51.

²¹ cf. C 44.

o fato de ser núcleo animador? Que peso tem a consagração religiosa na animação de uma comunidade educativa?

Tentemos responder, aprofundando algumas perspectivas e explorando algumas possibilidades. Concentremos a atenção, não na realidade a ser animada, já apresentada pelo CG24, nem nas modalidades, caminhos e conteúdos da animação freqüentemente insistidos, mas sobre o que qualifica o núcleo animador para que possa realizar o seu serviço.

1. Redesenhar a missão

O que qualifica a comunidade, em função do seu papel animador, é o fato de redesenhar a missão e inserir-se bem nela, pensando-a de forma ampla, como concebeu-a Dom Bosco e como é hoje expressa nas Constituições: na Família Salesiana, «por vontade do Fundador, temos particulares responsabilidades: (...) estimular o diálogo e a colaboração fraterna»²²; «realizamos em nossas obras a comunidade educativa e pastoral (...) até poder tornar-se uma experiência de Igreja, reveladora do plano de Deus»²³. A importância salesiana e pastoral da animação torna-se clara vivendo-se comunitariamente bem, considerando a comunidade educativa e os seus componentes como a primeira destinatária da nossa ação em favor dos jovens, e assumindo juntos o trabalho de animação, mentalmente e na forma de projeto.

Existem ao nosso redor, pessoas adultas que se referem a Dom Bosco de vários modos: pela simpatia, pelo trabalho, pelo espírito; a elas somos “enviados” por vocação. O serviço que lhes prestamos não é de pouca monta: é uma animação espiritual e salesiana.

Não somos chamados somente a dinamizar um grupo de educadores ou colaboradores com métodos oportunos; somos chamados a suscitar “uma experiência de Igreja”, a estender e dar consistência a uma realidade vocacional. Trata-se não só de empregar melhor os recursos disponí-

²² C 5.

²³ C 47.

veis, por exemplo os leigos, mas de comunicar a fé e o espírito salesiano.

Animar vem a ser, então, uma parte não secundária da nossa missão e da maneira original de viver a nossa comunhão à qual devemos dedicar tempos não só residuais ou atenção “funcional”.

O carisma de Dom Bosco tem na comunidade SDB um grau particular de concentração, porque foi plasmada diretamente por Ele pela força da consagração, pela partilha cotidiana do carisma com outras pessoas, pelo projeto de vida assumido pela espiritualidade salesiana, pela dedicação completa ao trabalho apostólico²⁴. Tal concentração não é fim em si mesma; é para comunicar e difundir o dom particular do Espírito à Igreja, que é o espírito salesiano.

Nós não somos uma sociedade de beneficência ou uma organização educativa que tem determinadas realizações materiais ou culturais como fim último; somos carismáticos. O que comporta dar vida a uma presença que suscite interrogativos, que dê razões de esperança, que convoque pessoas, atraia colaboração, ative uma comunhão sempre mais fecunda para realizar juntos um projeto de vida e de ação segundo o evangelho.

A nossa, é uma colaboração com o Espírito. Ele anima a Igreja e o mundo. Abre-os à Palavra, suscita o desejo de unidade e a vontade de concórdia, dá eficácia aos esforços e empenhos pela transformação do mundo segundo o desígnio de Deus; distribui carismas e espalha sementes de bem na humanidade para que nelas se reforcem os elementos de paz e de comunhão.

Constituídos pelo Espírito em comunidade consagrada, tornamo-nos mediadores da sua ação animadora: ajudamos as pessoas a acolherem as suas moções, criamos condições para que as suas inspirações e os seus dons sejam visíveis na realidade para realizar, da maneira mais plena e ampla, a missão a que Ele nos chamou.

²⁴ cf. CG24 236.

As tarefas confiadas à animação, particularmente na CEP, têm em vista colocar à disposição de todos aquilo que nos foi dado pelo Espírito: a fé no desígnio de amor que Deus Pai tem por cada pessoa, o amor de Cristo expresso na dedicação total à salvação dos jovens, a sabedoria pedagógica que aprendemos do Bom Pastor, a conformação a Cristo através do modelo de Dom Bosco²⁵.

Só esse modo de pensar a missão faz frutificar, de forma adequada, a experiência do Espírito na comunidade, que reside no primado dado ao sentido de Deus, na seqüela de Cristo, na caridade pastoral com que se coloca totalmente a serviço dos jovens, no patrimônio educativo e espiritual salesiano.

Ser animadores do movimento de pessoas envolvidas no espírito e na missão de Dom Bosco não é, então, uma função acrescentada ocasionalmente: é um traço *vocacional* que pertence à identidade do consagrado salesiano, do indivíduo e da comunidade, parte não secundária da sua práxis pastoral.

«Cada SDB é animador e habilita-se sempre mais a sê-lo»²⁶. Não há necessidade de qualidades especiais além daquelas que correspondem à vocação salesiana. Trata-se de viver o dom inscrito no estilo da comunidade juntamente com jovens e leigos que manifestam a mesma sensibilidade e convergem para as mesmas iniciativas educativas.

2. Viver e propor-se a comunicar uma espiritualidade

Os adjetivos ao lado do termo animação são mais do que justificados, porque revelam bases doutrinárias, percursos e objetivos diversos. A nossa animação é *espiritual*. O termo não é limitador, mas qualificante. Não exclui outros aspectos da animação: assume-os todos em perspectiva própria.

Para ser “núcleo animador” é preciso viver a nossa espiritualidade conscientemente, com convicção, e exprimi-la comunitariamente com alegria e imediatismo. Foi expresso

²⁵ cf. CG24 159.

²⁶ *Ib.*

no congresso dos jovens religiosos realizado em Roma no mês de setembro de 1997, o sonho de ver canonizados não só “indivíduos”, como também inteiras comunidades religiosas, como um sujeito que viveu solidariamente e de forma exemplar o ideal da vida evangélica. Acrescentava-se que uma carência vocacional está no fato que os jovens percebem e são atraídos por modelos “individuais”, por detrás dos quais não existe uma correspondente vida comunitária: santos solitários, em comunidades quase estranhas à sua santidade.

Dom Bosco criou em Valdocco uma escola de espiritualidade que se exprimia no ambiente, no trabalho cotidiano, na tonalidade da fraternidade e na oração: simples na aparência, mas substancial e autêntica. Ele convidou seus jovens e os que quisessem colaborar com ele a caminharem assumindo o mesmo espírito, segundo a própria condição e possibilidade. «Em Valdocco, recorda o CG24, respirava-se um clima especial: a santidade era construída juntamente, partilhada, reciprocamente comunicada, tanto que não se pode explicar a santidade de uns sem a dos outros»²⁷.

Construir e gozar do clima de “*santidade*” *partilhada*, é um empenho dos consagrados. A comunidade religiosa é lugar de uma experiência de Deus. Tudo foi pensado e predisposto para isso. «A vida espiritual deve ocupar o primeiro lugar no programa das Famílias de vida consagrada... Desta opção prioritária, desenvolvida no compromisso pessoal e comunitário, depende a fecundidade apostólica, a generosidade no amor pelos pobres, a própria atração vocacional sobre as novas gerações»²⁸.

O CG23 indicava-o como resposta adequada aos desafios da educação dos jovens à fé. Convidava as comunidades a serem “sinal” de fé, dando transparência evangélica à vida, até chegar a ser escola de fé. A fé, de fato, não pode ser comunicada se não for vivida como o grande recurso da própria existência. «A renovação espiritual e a renovação

²⁷ CG24 104.

²⁸ VC 93.

pastoral são dois aspectos que se compenetraram e são interdependentes entre si»²⁹.

Ser animadores como comunidade, isto é, núcleo animador, é levar juntos na ação educativa, compartilhada com outros, o sopro do Espírito capaz de dar sentido à promoção da pessoa e aos esforços de mudança da sociedade: a experiência do amor de Deus, a luz que vem de Cristo, a visão do homem que brota da Palavra de Deus.

É ter, como a comunidade apostólica depois de Pentecostes³⁰, a capacidade de “sair” na direção dos outros, de atrair, reunir, converter, criar comunhão com critérios novos à luz do Cristo ressuscitado. «A primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas. Mais do que com as palavras, elas testemunham essas maravilhas com a linguagem eloqüente de uma existência transfigurada, capaz de suscitar a admiração do mundo»³¹.

A experiência de Deus que está na origem e nas finalidades do nosso projeto de vida deve ser despertada, revivida e aprofundada segundo as características do nosso espírito. De fato, podemos ser levados a reduzir a vida à eficiência, a crer que os vários elementos da nossa vida religiosa existam em função dos resultados educativos. Isso pode levar ao progressivo esvaziamento interior, à dissolvência das motivações mais profundas e, como conseqüência, a uma certa desilusão ou queda de confiança em nossa intervenção, nos destinatários, na comunidade, nos leigos.

A capacidade de animação espiritual, como deve ser a nossa, supõe e pede a *experiência de oração*: pessoal, pedida como graça, aprendida e praticada com assiduidade; e comunitária, sentida e partilhada em momentos preparados e calmos, livres da pressa e da dispersão.

A oração dá o gosto renovado de estar com Cristo e o sentido da missão. «Assim como o alimento nutre o corpo e

²⁹ cf. CG23 216-217.

³⁰ cf. At 2,1ss.

³¹ VC 20.

o conserva, diria Dom Bosco, assim também as práticas de piedade nutrem a alma e fazem que ela seja forte contra as tentações. Enquanto formos zelosos na observância das práticas de piedade o nosso coração estará em boa harmonia com todos, e veremos o salesiano alegre, e contente da sua vocação»³². Não são, justamente, “o estar em boa harmonia com todos e a figura do salesiano alegre e contente da vocação” as representações mais verdadeiras do animador?

Dois sinais parecem-me importantes na expressão da espiritualidade da comunidade através da oração assídua e de qualidade. O primeiro refere-se à *Palavra de Deus* à qual aderir e compartilhar quando se trata de iluminar a vida pessoal e comunitária, as situações dos jovens e os desafios da cultura. A Bíblia fala da experiência religiosa da humanidade; as atitudes, as provas e reações daqueles que viveram neste mundo segundo o senso de Deus, ou melhor, em relação de aliança com Ele. É a “história” da espiritualidade vivida no interior dos acontecimentos.

O Evangelho, depois, não só nos oferece os ensinamentos e exemplos de Jesus, como também colocam-nos em contato com a sua pessoa e o seu mistério. Só o discernimento evangélico pode dar-nos hoje a mentalidade “cristã” e ajudar-nos a manter a visão de fé, a atitude de esperança e o critério de caridade.

O segundo sinal é a *participação dos jovens e dos colaboradores em nossa oração*; a nossa capacidade de introduzi-los na oração, de fazer com que a apreciem. Não faltam exemplos disso. O caminho iniciado deve ser continuado. Não nos limitemos às celebrações extraordinárias e sugestivas; acompanhem os jovens no caminho da oração até fazê-la desejar e tornar-se atitude, hábito e necessidade.

Somos frequentemente reconhecidos pelos jovens e colaboradores como trabalhadores e amigos próximos deles, desejosos de seu bem, generosos e disponíveis; mas não aferiram as motivações de fundo que movem a nossa vida e

³² *Regras e Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*. Introdução. Turim 1885.

constituem a sua originalidade. Por isso não conseguem perceber o valor da vida consagrada, nem se sentem despertados para seguir o nosso caminho, mesmo continuando amigos.

A forma mais apropriada de a comunidade religiosa “animar” é fazer partícipes da experiência de Deus, pôr em ação uma pedagogia de oração, que leve à relação pessoal com o Senhor, aberta à sensibilidade juvenil segundo a nossa espiritualidade.

Além de oferecer experiências ocasionais, como amostra de envolvimento, *somos chamados a ser educadores e mestres de espiritualidade*. Se parece-nos uma meta ambiciosa, digamos que queremos ser companheiros e testemunhas autorizadas, orientadores, guias no caminho da espiritualidade. Não poucos leigos e jovens desejam uma experiência espiritual. Existe neles uma exigência de interioridade e de sentido como contrapeso à exterioridade, ao rumor, à agitação. O CG24 coloca a espiritualidade no centro do nosso esforço de partilha. «Somos chamados a partilhar na FS, com todos os leigos, não somente o cumprimento material do trabalho cotidiano, mas, em primeiro lugar, o espírito salesiano, para nos podermos tornar co-responsáveis pela missão nas obras e para além de suas fronteiras»³³. A meta da formação dos leigos e com os leigos é uma santidade partilhada³⁴ pelo que «a espiritualidade é chamada a ser a alma da CEP, o miolo dos itinerários formativos a serem percorridos juntos, num clima de intercâmbio de dons»³⁵.

É a mesma tarefa confiada pela Igreja aos consagrados: «Um renovado empenho de santidade das pessoas consagradas é hoje mais necessário do que nunca, para favorecer e apoiar a tensão de todo cristão à perfeição. As pessoas consagradas, à medida que aprofundam a própria amizade com Deus, ficam em condições de ajudar os irmãos e irmãs com válidas iniciativas espirituais. O fato de todos serem chamados a tornar-se santos, não pode deixar de estimular

³³ CG24 88.

³⁴ cf. CG24 104.

³⁵ CG24 241.

ainda mais aqueles que, pela própria opção de vida, têm a missão de recordá-lo aos outros»³⁶.

A principal mediação para desenvolver essa missão é a nossa vida cotidiana inspirada na fé, próxima dos jovens e dos leigos, que difunde um estilo de vida por osmose ou contágio; é o ambiente educativo no qual os valores são concretamente realizados, com modelos significativos que atraiam, com propostas que envolvam e motivações que iluminem os comportamentos.

Será necessário, então, acompanhar cada indivíduo, aproveitando os momentos comunitários predispostos à partilha e à comunicação, e estar também disponíveis ao diálogo pessoal. O conjunto exige certamente atenção e intencionalidade.

3. Fazer da comunidade salesiana uma “família” capaz de suscitar comunhão ao redor da missão salesiana

Insistiu-se com freqüência que a comunidade responde não somente a propósitos de perfeição religiosa e de eficácia no trabalho, mas também aos profundos desejos e aspirações da pessoa: relações autênticas e profundas, comunicação, valorização pessoal, amizade e afeto.

Sente-se a necessidade e experimenta-se o fascínio de uma fraternidade autêntica e adulta. Embora tenhamos a oportunidade de variadas distensões individuais e não nos faltem hoje companheiros informáticos, o encontro pessoal, a experiência da amizade, a partilha de sentimentos e de situações continuam “únicos”.

Experimenta-se a dificuldade de comunicar em profundidade, e, portanto, um senso de isolamento e de solidão, na sociedade da comunicação que continua de “massa”, mesmo quando individualizada no que se refere aos equipamentos.

Isso é particularmente percebido entre os jovens e no âmbito de uma religiosidade marcada pelo subjetivismo e

³⁶ VC 39.

voltada à satisfação imediata do sentimento. Escutam-se com gosto os relatos pessoais, procuram-se ocasiões de acolher e ser acolhidos gratuitamente, sem condições e normas rígidas; escolhem-se relações humanas capazes de fazer-nos sentir livres e ajudar a exprimir-nos; participamos de grupos nos quais nos possamos sentir bem e criamos solidariedade através da comunicação de propósitos, desejos, realizações.

O que torna significativas as associações e as comunidades religiosas, a sua força de atração, não está tanto no que possuem e fazem, nas obras e no trabalho, quanto naquilo que vivem, em seu estilo de relações, em sua unidade.

É o impacto produzido pelas primeiras comunidades cristãs. O sinal externo da novidade da Ressurreição, imediatamente compreensível, também para quem não conhecia o conteúdo da fé, era a solidariedade do grupo concorde e constante «no ensino dos apóstolos e na comunhão fraterna, na fração do pão e na oração»; que «tinham tudo em comum» e não havia diferença entre os membros. O poder de convicção emanado atraía a estima do povo e tornava o grupo confiável, apetecível. E o Senhor (vem quase como uma consequência!) «a cada dia aumentava a comunidade com aqueles que iam sendo salvos»³⁷.

Para Dom Bosco igualmente, a caridade fraterna, manifestada no espírito de família, era o sinal imediato que os salesianos deviam oferecer aos jovens, aos colaboradores e ao povo. «Amai-vos, aconselhai-vos e corrigi-vos mutuamente, mas não haja nunca entre vós inveja nem rancor; antes, o bem de um seja o bem de todos; as penas e os sofrimentos de um considerem-se como penas e sofrimentos de todos, e procure cada um afastá-los ou ao menos minorá-los»³⁸.

As Constituições recolheram abundantemente o pensamento do nosso Pai em suas duas acentuações: o estilo comunitário e o seu impacto sobre os jovens. A tonalidade da nossa vida comunitária é apresentado, entre outros, pelo

³⁷ cf. At 2,42-47.

³⁸ Dom Bosco, *Lembranças aos primeiros missionários*.

artigo 51: «A comunidade salesiana se caracteriza pelo espírito de família que anima todos os momentos de sua vida: trabalho e oração, refeições e tempos de lazer, encontros e reuniões. Em clima de fraterna amizade comunicamo-nos alegrias e dores, e partilhamos co-responsavelmente experiências e projetos apostólicos». O artigo 16 recorda-nos a outra acentuação, que acena ao efeito educativo e vocacional que tanto nos interessa: «Esse testemunho desperta nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana».

Quando perguntamo-nos como fazer na situação atual para caminhar em vista desse “ideal”, e exprimi-lo com transparência, vem-nos à mente a “graça de unidade” que leva a nós salesianos a cultivar, de forma simultânea e concorde, as três instâncias: consagração, missão, fraternidade³⁹, dando a cada uma o seu peso e fundindo-as em estilo de vida e em projeto de ação.

O primeiro é justamente **a vida fraterna**, que supõe predispor tempos e dedicar energias para cultivar e tornar visível a comunhão como um dom a ser oferecido aos jovens; supõe a ascese que nos amadurece na capacidade de amar, a experiência que nos prepara a uma relação madura com os colaboradores. São muitas as atitudes e as manifestações dessa fraternidade. «As comunidades de fato retomam cotidianamente o caminho, apoiadas pelo ensinamento dos apóstolos: “amai-vos uns aos outros com amor fraterno, rivalizai na estima recíproca” (*Rm* 12,10); “tende entre vós o espírito de concórdia” (*Rm* 12,16); “acolhei-vos por isso uns aos outros como Cristo vos acolheu” (*Rm* 15,7); “aconselhai-vos reciprocamente” (*Rm* 15,14); “esperai uns pelos outros” (*1Cor* 11,33); “pela caridade, ponde-vos a serviço uns dos outros” (*Gl* 5,13); “reanimai-vos reciprocamente” (*1Ts* 5,11); “suportando-vos uns aos outros com amor” (*Ef* 4,2); “sede antes bondosos e misericordiosos uns para com os outros, perdando-vos mutuamente” (*Ef* 4,32); “sede submissos uns aos outros no temor de Cristo” (*Ef* 5,21); “orai uns pelos

³⁹ cf. C 3.

outros" (*Tg* 5,16); "revesti-vos todos de humildade no trato mútuo" (*1Pd* 5,5); "estamos em comunhão uns com os outros" (*1Jo* 1,7); "não desanimemos em fazer o bem, principalmente a nossos irmãos na fé" (*Gl* 6,9-10)⁴⁰. Detenho-me em dois elementos que se manifestam atualmente: *as relações interpessoais e a comunicação*.

As *relações* são uma das provas da maturidade da pessoa: talvez, até mesmo, o principal dos parâmetros, em que se refletem as qualidades e limites de cada um. A sua qualidade, o modo de estabelecê-las e administrá-las manifestam até que ponto o amor, primeira energia e primeiro mandamento, caminhou em nós e até que ponto aprendemos a manifestá-lo.

Damos hoje, também, uma atenção especial às relações no trabalho e na formação: não apenas do ponto de vista formal, mas olhando o aspecto interior e substancial. São necessárias, na vida fraterna, relações que superem o cansaço e o hábito para que sejam renovadas e não se interrompam porque somos capazes de reconciliação cotidiana. Insiste-se que sejam interiores e profundas, não só funcionais ao trabalho, mas tais que amadureçam em amizade até o crescimento no Senhor e a solidariedade na missão; sobretudo, que sejam inspiradas na oblatividade e na doação e não centradas na própria pessoa ou nos próprios fins.

É uma avaliação corrente dos observadores de grupos e comunidades que a maior parte das dificuldades internas, que parecem de trabalho ou de idéias, estão ligadas no fundo a problemas de relações interpessoais mal colocadas, que têm no trabalho ou nas idéias o seu campo de desencontro.

Por outro lado, as relações desagradáveis, as situações de conflito não sanadas oportunamente com a reconciliação, agem no interior da pessoa bloqueando o processo de amadurecimento e criando dificuldades à mesma doação serena e alegre à missão e a Deus. A tristeza e a insatisfação que daí podem derivar são danosas em todos os sentidos. As

⁴⁰ *A vida fraterna em comunidade*, 26.

amarguras internas desgastam. É um grande serviço ajudar a dissolvê-las, a esclarecer as raízes, a assumi-las como limites pessoais e enfrentá-las com calma, sem permanecer fixado nelas.

É necessário educar-se e educar os indivíduos às relações, também com a palavra, o apoio, o encorajamento. É necessário animar as relações, criando oportunidades para que possam exprimir-se e crescer. É um aspecto da caridade de todos, particularmente do Diretor e do Inspetor, com que se constrói a união da comunidade.

Ninguém pode esperar só receber na comunidade, como se fosse um ambiente já feito antes e independente da própria contribuição. Por outro lado, é preciso suprir as eventuais carências de alguns com a maior capacidade de doação por parte dos outros. Existem sempre nas comunidades limites de comunicação, timidez, preocupações excessivas que entram a familiaridade. O Senhor compensa tais limites com irmãos que estão dispostos a dar um pouco mais de conversa, de proximidade, de união e de alegria para que não se abaixe o nível da vida de comunidades no que se refere ao afeto recíproco e ao ambiente familiar. «A fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto aos irmãos que sabem pedi-lo e que sabem aceitá-lo empenhando-se na vida fraterna com confiança na ação do Espírito»⁴¹.

Este comentário pode parecer não habitual numa circular, muito particular, quase técnico. Ele foi-me sugerido pelo documento *A vida fraterna em comunidade* quando afirma: «Parece útil mencionar as qualidades exigidas em todas as relações humanas: educação, gentileza, sinceridade, controle de si, senso de humor e espírito de partilha»⁴². Foi-me também sugerido pelo CG24 que fala da nossa espiritualidade relacional: espiritualidade que não só ama com caridade interior, mas, como Dom Bosco já ensinara a respeito do trato com os meninos, sabe entabular relações adultas de acordo com o ambiente de vida e as sensibilidades

⁴¹ *A vida fraterna em comunidade*, 28.

⁴² *A vida fraterna em comunidade*, 27.

atuais. Foi-me sugerido ainda pela importância que têm hoje as relações, erigidas quase a objeto de estudo e treinamento em todos os campos do agir humano. Inspirou-me enfim o pensamento de São Francisco de Sales, em quem a “doçura” traduzia-se na quantidade e na qualidade das relações pessoais até constituir um traço distintivo.

A espiritualidade relacional tem a caridade como fonte, que se torna capaz e disponível a criar, sanar, restabelecer e multiplicar relações. Essa caridade é “pastoral” quando exercida no ministério de dirigir e orientar uma comunidade eclesial.

Além das relações e incluída em sua dinâmica há a *comunicação*. Deseja-se atualmente que nas comunidades ela não se limite ao funcional, mas alcance a experiência vocacional; que se faça intercâmbio não só das notícias de jornal ou dos dados de trabalho, como também das avaliações, exigências, intuições que se referem à nossa vida em Cristo e à nossa forma de compreender o carisma. A isso tendem a revisão de vida, a revisão da comunidade, o intercâmbio na oração, o discernimento das situações, projetos e acontecimentos.

O tempo atual tornou a comunicação necessária nas comunidades religiosas e modificou seus critérios e modalidades: ela tornou-se mais solta e distribuída. A complexidade da vida exige que nos confrontemos sobre tendências, critérios e acontecimentos de família e sobre fatos externos: ou conseguimos compreendê-los e interpretá-los à luz do evangelho, ou ficamos fora da vida e do movimento do mundo.

Torna-se necessário o hábito de avaliar, como também a elaboração dos critérios comuns de avaliação, o que exige freqüentemente um caminho que comporta explorações e provas. Devemos estar dispostos a exprimir-nos com simplicidade, a mostrar-nos prontos a modificar juízos e posições, mesmo só com a finalidade de convergência fraterna e operativa: mediar serve sempre à comunidade, quando os valores essenciais não são comprometidos.

A comunicação é necessária, ainda, pelo pluralismo positivo de visões e dons existentes na comunidade: existem

riquezas de inteligência, de espírito, de fantasia, de competências práticas a comunicar. Além disso, são muitos os temas sobre os quais comunicar com proveito na vida consagrada: o projeto apostólico, a experiência espiritual, os desafios da missão, as orientações da Congregação, as tendências da Igreja.

A comunicação exige aprendizado, prática e também animação. Digamos aprendizagem espiritual, mais ainda do que técnica. Expomo-nos quando comunicamos em determinados níveis. Há um certo pudor a superar, pelo qual não queremos falar de nós mesmos; há também a confiança no outro a consolidar, que me garante que ele acolherá com maturidade e positivamente aquilo que eu digo.

A experiência diz que nem todos têm a coragem de fazer isso. É preciso aprendizagem também para receber a comunicação sem julgar a pessoa, sem colocá-la numa posição definitiva baseado naquilo que expressou, sem diminuir a estima e as expectativas pelas diferenças de visão.

Além do aprendizado é preciso a prática. A capacidade de comunicação descurada, enferruja. Perde-se o seu gosto e o seu exercício. A prática leva à compreensão e ao uso das diversas linguagens adequadas às situações, que vão de gestos e atitudes a conversações calmas e prolongadas. Tudo inspirado na caridade, não no cálculo técnico. Recordem-se de Dom Bosco colocando a mão na cabeça dos jovens, a sua capacidade de sorrir, de dizer uma palavra ao ouvido, dar uma boa noite, manter um diálogo como fez com Domingos Sávio, pedir pareceres, discutir. É o esforço, tão típico do Sistema Preventivo, de tornar o afeto expressivo, de libertá-lo da atitude genérica ou fechada na fria interioridade. É preciso também, na prática da comunicação, aprender o valor do silêncio ativo e a capacidade da solidão. São esses os aspectos quase “banidos” da “Babel” das conversações, comunicados, músicas, festivais e rumores.

Uma comunicação válida é sempre preparada e regulada pela reflexão, pela medida e pela capacidade de “retirar-se”.

É preciso, então, a aprendizagem e a prática de cada um, mas é preciso também animação da parte de quem

dirige para criar o clima adequado à comunicação serena e desenvolta. Dar oportunidade de comunicar, ter um estilo de direção em que seja fácil exprimir opiniões, pedir e provocar essas opiniões, gozar da multiplicidade de contribuições, fazer entender que a pessoa não será prejudicada pelo que diz num momento de confronto.

Além da atenção à vida fraterna, para qualificar a experiência comunitária, deve ser **melhorada a nossa forma de trabalho em comum**. A comunidade religiosa é o lugar onde acontece a passagem do *eu* ao *nós*, do *meu* trabalho ou setor à *nossa* missão, da busca dos *meus* objetivos e meios à *convergência* na evangelização e no bem dos jovens. Isso exige um tirocínio paciente para superar o que nos enclausura ou nos separa por causa da concepção individualista do trabalho e da autonomia não regulada nas iniciativas, e que nos torna pouco disponíveis a construir com os outros. Muitas iniciativas poderiam ser potenciadas só com a união daquelas que são semelhantes e justapostas, a ligação com as que são complementares e fazendo convergir tempos e pessoas em determinadas áreas.

As Constituições e os Regulamentos provêm oportunidades de entendimento, de coordenação e de convergência. Conselhos e assembléias comunitárias tendem a dar-nos uma leitura comum das situações à luz do evangelho e da nossa vocação original, a projetar de forma solidária os grandes aspectos da pastoral como, por exemplo, a orientação da educação dos jovens à fé ou a formação dos leigos.

O dia semanal da comunidade ofereceu nova oportunidade de um intercâmbio útil.

Num tempo em que se tende a coligações, sinergias e redes, devemos aprender que a fragmentação e os compartimentos estanques não retribuem e não nos formam como homens de comunhão. Convém que haja momentos de programação e orientação comum nas comunidades às quais são confiados diversos setores com uma certa exigência ou rotina de autonomia.

Desde o início, a comunidade salesiana viveu com os jovens, participando plenamente de sua vida e vice-versa:

os jovens tomaram parte das jornadas dos salesianos. Hoje, muitos jovens e leigos desejam “ver” e “participar” da nossa vida fraterna e participar do trabalho conosco. A nossa vida comunitária deve, pois, ser estruturada de tal modo que seja possível rezar com os jovens, compartilhar momentos de fraternidade e de programação com os leigos colaboradores e até mesmo acolher alguns desses jovens e leigos para uma experiência temporária de vida comunitária.

4. Dar o dinamismo missionário do “Da mihi animas” à ação educativa, nossa e da CEP

A pedagogia amadurecida por Dom Bosco e transmitida aos seus primeiros salesianos nasce da caridade pastoral, capaz de compreender e ter compaixão das situações dos jovens e de criar iniciativas adequadas para ir ao encontro deles. Não se trata só de trabalhar pelos jovens, estar com eles, gastar as energias por eles. Por baixo disso existe uma desejo: levá-los à fé em Cristo caminho, verdade e vida, sendo testemunhas e sinais do seu amor. É a experiência fundamental, que manifesta a originalidade da espiritualidade salesiana. O CG23 exprimiu-o num texto que alguns chamaram de “credo salesiano”⁴³.

É a experiência que devemos comunicar e ajudar os colaboradores a viverem, animando um estilo pedagógico que coloque no centro a *relação pessoal entre educador e jovem*. Aprofundando-se até à confiança, essa relação será uma oportunidade de revelar a predileção de Jesus Cristo por cada um dos jovens.

Procuraremos criar um clima de família⁴⁴, rico de propostas e iniciativas em todo o fronte dos interesses e urgências dos jovens, que suscite a participação deles e os envolva na própria formação; clima que tem suas expressões maiores nas celebrações que introduzem no mistério da vida e da graça no qual se adverte a força transformadora dos sacramentos, sobretudo da Reconciliação e da Eucaristia.

⁴³ cf. CG23 94-96.

⁴⁴ cf. CG24 91s.

Somos chamados a ser memória e estímulo desse estilo e programa. Devemos manifestar com serenidade, mas também com coragem missionária, que a fé em Jesus Cristo traz à educação uma luz e uma energia novas: é a imagem do homem que se revela em Jesus, a confiança na vida que a Ressurreição nos transmite, a consciência da relação filial com Deus, o horizonte da transcendência, a revelação do amor como segredo para a realização da pessoa e da civilização.

A nossa vida é profecia no âmbito da educação; ela manifesta o sentido e a meta em que são chamados a desenvolver-se os valores humanos: a força libertadora da relação pessoal com Deus, a fecundidade histórica das bem-aventuranças, a capacidade de valorizar a pessoa e os grupos dos mais pobres e excluídos, que são descuidados pelos outros.

Testemunhamos, num contexto tentado a prescindir de Deus, que o seu amor dá lucidez e felicidade insólitas; diante da busca do prazer, da posse e do poder, conseguimos dizer que «a necessidade de amar, a ânsia de possuir e a liberdade de decidir da própria existência adquirem em Cristo Salvador o sentido supremo»⁴⁵.

Se o nosso trabalho na educação não é “suplência” de serviço, mas contribuição original, devemos «introduzir no horizonte educacional o testemunho radical dos bens do Reino, propostos a cada homem enquanto aguarda o encontro definitivo com o Senhor da história»⁴⁶. Diga-se que a isso tende todo o nosso esforço de preparação, que tem certamente uma dimensão profissional, mas fermentada e motivada por uma mais profunda que é a pastoral. Não se deve diminuir esta última, nem fazer da primeira um compartimento estanque. Nós educamos evangelizando.

«Pela sua especial consagração, recorda-nos *Vita Consecrata*, pela peculiar experiência dos dons do Espírito, pela escuta assídua da Palavra e o exercício do discernimento, pelo rico patrimônio de tradições educativas acumulado ao longo a história pelo próprio Instituto, pelo conhecimento

⁴⁵ C 62.

⁴⁶ VC 96.

profundo da verdade espiritual (cf. *Ef* 1,7), as pessoas consagradas são capazes de desenvolver uma ação educativa particularmente eficaz, oferecendo uma contribuição específica para as iniciativas dos outros educadores e educadoras»⁴⁷. E acrescenta: «podem dessa forma dar vida a ambientes educativos permeados pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, onde os jovens são ajudados a crescer em humanidade sob a guia do Espírito»⁴⁸.

Hoje, o serviço educativo é exigido e revalorizado sobretudo com a extensão da formação à existência toda, mas também com uma visão que vai superando decididamente a tentação “unidimensional” para assumir a integridade da pessoa e levar em consideração o caráter singular de cada um.

Pede-se, então, ao serviço educativo que “assista” cada pessoa no desenvolvimento de todas as suas capacidades, comunique uma visão de vida aberta ao próximo, gere em cada um a capacidade de viver na liberdade e na verdade segundo a própria consciência iluminada pela experiência e pela fé.

Somos, como comunidade religiosa, núcleo animador de um conjunto de educadores que entendem comunicar esses valores e propor essa visão de vida.

A tarefa supõe que nós mesmos nos esforcemos a ser:

– **pessoas** capazes de viver a própria vida com confiança e alegria, com atitudes de compreensão e diálogo com os jovens e o seu mundo, com atenção à cultura, com vontade de colaboração com todos os que trabalham por um mundo mais justo, livre e solidário;

– **educadores** competentes, que fazem do próprio serviço aos jovens e aos pobres um empenho pelo Reino; a boa vontade não basta para animar uma comunidade educativa e outras forças apostólicas; *a improvisação não compensa* quando se trata de promover cristãmente um ambiente a longo prazo;

⁴⁷ *Ib.*

⁴⁸ *Ib.*

– **animadores** dispostos a compartilhar com os colaboradores leigos os caminhos formativos⁴⁹ na vida de cada dia, nos momentos comunitários de particular peso formativo, devidamente preparados e qualificados, como a elaboração do PEPS, a revisão da CEP, o discernimento diante de situações concretas e similares;

– **dirigentes** que interiorizaram o valor da participação e co-responsabilidade e sabem animar criando e renovando as modalidades oportunas;

– **salesianos** que manifestam uma sensibilidade especial pela educação dos mais pobres e se tornam promotores de uma cultura de solidariedade e de paz: essa sensibilidade constitui um dos sinais evangélicos mais significativos e é capaz de convocar muitas pessoas.

5. Vida fraterna e trabalho pastoral para crescer

Vida fraterna (relações e comunicação) e boa organização do trabalho ajudam não só a sentir-se bem, como também a crescer; enriquecem do ponto de vista cultural, psicológico e social, e sobretudo espiritual.

Há um crescimento *cultural*, porque escutando os outros e colaborando com eles recebemos informações, visões, dados e leituras de variadas realidades. Hoje são buscadas e consideram-se indispensáveis as relações e a comunicação com pessoas competentes. Existem dessas pessoas também entre os irmãos que vivem em nossas comunidades, ou melhor, provavelmente cada um terá uma competência a oferecer-nos. Existem delas entre os leigos.

Há um crescimento *psicológico*, porque se desenvolvem a afetividade, a capacidade de acolhida de pessoas e mentalidades diversas, adquire-se maior capacidade de doação, de superar frustrações e bloqueios internos, fixações sobre nós mesmos e em nosso sucesso.

⁴⁹ cf. CG24 144.

Há um crescimento *social*, porque se reforça a capacidade de inserção em grupos de trabalho, em equipes de participação e em ambientes variados, com liberdade e sinceridade; domina-se a ansiedade social, aquele primeiro sentimento de estranheza e desconforto que nos assalta quando nos encontramos num contexto ou grupo desconhecido e pouco familiar.

Finalmente e no vértice, dá-se um crescimento *espiritual*, ou total, porque as atitudes e hábitos indicados acima se inserem no esforço de resposta ao Senhor, de acordo com o carisma, e na qualificação para a realização da missão.

As experiências de formação permanente feitas longe da própria comunidade produzem alguns benefícios, como o repensamento, uma nova síntese, a atualização doutrinal, o entusiasmo vocacional renovado; mas, quando nos inserimos de novo na comunidade e no cotidiano, a visão renovada da vida e do trabalho, entrevista em condições extraordinárias de tempo e de ambiente, é traduzida com dificuldade na prática. Os ritmos habituais levam vantagem e o contexto humano “ordinário” e comum dilui as experiências exemplares de oração, de intercâmbio, de estudo. O curso de formação permanente fica dessa forma “isolado” no decorrer da vida, embora sejam inegáveis os seus efeitos benéficos sobre ela.

Introduziram-se então quatro variações no conceito de formação permanente, confirmadas pelas ciências da Formação. Referem-se ao lugar, ao tempo, à matéria e à metodologia.

O lugar preferencial da formação permanente é a comunidade local. É a mais real, porque é ali que se aprende a administrar a vida e a reagir como religioso salesiano diante da cotidianidade.

O tempo mais apto e continuado para a formação permanente é aquele marcado pela alternância de trabalho, estudo, confronto, encontro com pessoas. O tempo apartado é útil como retomada e apoio.

A matéria ou conteúdos: é, certamente, útil uma exposição sistemática sobre a Igreja, Jesus Cristo, a comunidade, porque motiva, ilumina e reorienta. Tudo isso, porém, é encontrado como que distribuído, fragmentado e quase diluído no cotidiano. A comunidade, em que se deve conseguir ler em termos reais o que foi explicado, é aquela em que se vive ombro a ombro com os irmãos que têm as suas idéias, são marcados por um passado pessoal, têm alguns limites, embora tenham também tanta riqueza que é preciso saber descobrir e acolher.

Pode-se dizer o mesmo da eclesiologia escutada, da pastoral juvenil esclarecida, do Sistema Preventivo aprofundado: são quadros de referência úteis porque iluminantes. Eles, porém, devem ser levados depois ao concreto particular da comunidade eclesial e às suas condições, ao campo de trabalho pastoral e aos jovens que nele se encontram, ao ambiente salesiano em que o Sistema Preventivo escutado deveria ser aplicado. Esta, isto é, a maneira concreta de aplicar visões, quadros de referência ou tratados em casos particulares, é a matéria própria da formação permanente que se dá na comunidade local. Ali, nós a submetemos à reflexão e revisão para ver qual é a nossa resposta atual às exigências da vocação e do trabalho. Diria que a formação permanente reproduz mais o modelo do tirocínio bem-feito do que o do estudantado.

Por último, mas relacionado a quanto foi dito anteriormente, deve-se acenar ao *meio* ou caminho mais eficaz para a formação contínua: há certamente a leitura, o estudo, a atenção à vida espiritual, a atualização teológica. Tanto o artigo 119 das Constituições como o artigo 99 dos Regulamentos acenam à comunicação fraterna: escutar-se com calma, observar e sintetizar cuidadosamente, elaborar avaliações e critérios, tomar algumas direções pensadas. Isso certamente deve ser consolidado e relançado com os assim chamados “tempos fortes” e o hábito pessoal de reflexão.

Relações, comunicação e trabalho programado satisfazem, portanto, processos de formação e crescimento. Atual-

mente nem todos entendem isso. Não se culpa ninguém porque na práxis formativa anterior a comunicação não tinha nem o peso nem as atuais possibilidades. Enquanto não culpamos ninguém, devemos saber criar e multiplicar as oportunidades de comunicação, colocar a questão das relações como tema, estar conscientes da plataforma que exige e preocupar-se com ela como prática da caridade pastoral para com irmãos e comunidade.

Conclusão

Concluo esta carta na festa da Anunciação, há dois anos da publicação da Exortação Apostólica *Vita Consecrata*. A vida comunitária quer ser um ensaio da vida trinitária como é possível ao homem; uma relação de amor que gera a unidade em que as distinções se exprimem, somam e fundem. Apresenta-se como um sinal e uma relação exemplares da comunhão eclesial. Pela múltiplice graça que comporta, pelo apoio dos irmãos, pelos bens que nela circulam, pela ascética que exige é uma via que nos leva ao amor purificado e autêntico.

Maria exprime as três manifestações máximas desse amor, que a humanidade conhece e que expressamos com três títulos: Virgem, Esposa, Mãe. Essa é a sua relação com Deus; essas as dimensões segundo as quais resulta ícone da Igreja. Estamos certos, de acordo com as palavras de Dom Bosco, que Ela participa das nossas comunidades como fez com os discípulos de Jesus em Caná e no Cenáculo. Contemplá-la e invocá-la servirá também à nossa comunhão.

São estes os votos que faço a cada comunidade e a cada irmão, para expressar com eficácia, com a ajuda de Maria, toda a riqueza da comunhão que é fruto da Páscoa do Senhor.

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Sureda". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left.

2.1. A REVISÃO DA “RATIO” PEDIDA PELO CG24 Contribuição das Inspetorias

P. Giuseppe NICOLUSSI

Conselheiro Geral para a Formação

A comunicação refere-se à “revisão da *Ratio*”. Deseja-se interessar e pedir a contribuição da Inspetoria para a realização do trabalho decidido pelo Capítulo Geral (CG24, 147). Não se trata apenas de colaborar para a nova elaboração de um documento. A revisão da *Ratio* quer ser expressão de fidelidade renovada à vocação na busca do modo de transmitir o projeto salesiano de vida às novas gerações e de vivê-lo nas diversas fases da existência e nos diversos contextos.

1. O trabalho confiado pelo CG24 e pela programação

O CG24 estabeleceu que se faça a revisão da *Ratio*: “O Conselheiro Geral para a Formação promova a revisão da *Ratio* segundo as orientações do CG24” (CG24, 147). Digamos logo que, ao falarmos de *Ratio*, referimo-nos ao texto “A Formação dos Salesianos de Dom Bosco” (FSDB) e também ao fascículo “Critérios e normas de discernimento vocacional salesiano” (CN), que oferece um comentário oficial ao capítulo 7º da *Ratio*.

O Conselho Geral inseriu esse ponto na **programação do sexênio**, indicando o trabalho e o caminho a seguir em sua realização: “Fazer a revisão da *Ratio* pedida pelo CG24, adequando a formação à nova situação e aos diversos contextos. Animar o processo de conhecimento da FSDB, de

revisão da sua aplicação, de propostas de readequação (com atenção especial a 'Vita Consecrata' e aos desafios da inculturação), envolvendo os responsáveis nos diversos níveis".

Segundo a Programação, a revisão do livro coloca-se no contexto mais fundamental de revisão e readequação da práxis formativa. A revisão é também pensada, não como trabalho de uma pequena equipe, mas como resultado de um envolvimento amplo. Não se trata só de fazer a revisão de um livro, mas de rever e adequar a práxis formativa.

2. Em resposta às orientações de "Vita Consecrata"

Lemos na Exortação Apostólica:

«Os Padres Sinodais solicitaram vivamente a todos os Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica que **elaborassem quanto antes uma *ratio institutionis***, isto é, um projeto de formação inspirado no carisma institucional, no qual se apresente de forma clara e dinâmica o caminho a seguir para se assimilar plenamente a espiritualidade do próprio Instituto.

A *Ratio* responde a uma verdadeira exigência hoje: um lado, indica o modo de transmitir o espírito do Instituto, a fim de ser vivido em toda a sua genuinidade pelas *novas gerações*, na diversidade das culturas e das situações geográficas; e, por outro, ilustra às pessoas consagradas os meios para viverem o mesmo espírito nas *várias fases da existência*, avançando para a plena maturidade da fé em Cristo Jesus.

"Portanto, se é verdade que a renovação da vida consagrada depende principalmente da formação, é igualmente certo que esta, por sua vez, está ligada à **capacidade de propor um método** rico de sabedoria espiritual e pedagógica, que leve progressivamente a assumir os sentimentos de Cristo Senhor a quem deseja consagrar-se" (VC, 68).

A formação permanente "é uma exigência intrínseca à consagração religiosa". "Será muito importante, por conse-

guinte, que cada Instituto proveja, como **parte da *Ratio Institutionis***, a definição porquanto possível precisa e sistemática, de **um projeto de formação permanente**, cuja finalidade primária seja a de acompanhar cada pessoa consagrada com um programa que se volte a toda a existência” (VC, 69).

3. Todos envolvidos no processo de revisão

No início de janeiro, o Reitor-Mor com o Conselho Geral aprovaram a **organização da revisão da *Ratio***:

- revisão feita a partir de uma plataforma de base, que é a atual *Ratio e Critérios e Normas (1985)*, aberta às atualizações que a revisão da realidade e a reflexão farão perceber como necessárias e oportunas;
- revisão feita através da metodologia do envolvimento nos vários níveis.

Foi enviada em 24 de setembro do ano passado uma carta (Prot. 97/1713) com dois subsídios simples, que tinham a finalidade de determinar o significado e o alcance do trabalho estabelecido pelo CG24 e pela Programação. **Pede-se agora a contribuição da Inspeção para a revisão da “*Ratio – Critérios e Normas*”**. Sabemos que em algumas inspeções e regiões já se iniciou o processo de revisão e elaboração das contribuições.

É importante que a Inspeção aproveite o máximo dessa **oportunidade extraordinária de revisão, reflexão e confronto**, dessa oportunidade de formação permanente e de qualificação dos formadores.

Dependem particularmente dos Inspectores **as formas de envolvimento** do conselho inspetorial, das equipes de animação inspetorial, primeiramente da comissão inspetorial para a formação, dos diretores, das comunidades de formação inicial (formadores e irmãos em formação), dos centros de estudo, de outras instâncias (sdb e não-sdb).

Uma tarefa particular cabe naturalmente ao delegado para a formação e à comissão inspetorial para a formação.

Pode ser útil estimular e coordenar o **envolvimento em nível interinspetorial** (de Conferência e/ou Região), empenhando as equipes de coordenação, reunindo irmãos competentes ou especialistas em alguns âmbitos particulares.

4. Organização do trabalho

Para organizar adequadamente o processo de revisão, convém **prestar atenção aos seguintes pontos:**

4.1. *Ter presentes a natureza, finalidade e características da "Ratio" congregacional e mundial*

Ela é assim definida pelos *Regulamentos*: «A formação terá como guia prático, em nível mundial, uma "Ratio Fundamental Institutionis et Studiorum" e, em nível inspetorial, um Diretório aprovado pelo Reitor-Mor com o consentimento do seu Conselho.

A "Ratio" expõe e desenvolve, de maneira orgânica e didática, o conjunto dos princípios e normas da formação que se encontram nas Constituições, nos Regulamentos Gerais e em outros documentos da Igreja e da Congregação.

"O Diretório Inspetorial aplica às realidades locais os princípios e as normas da formação salesiana" (R 87; ver também C 100-101; VC, 68-69; CG21, 258-260).

Nessa perspectiva pode ser útil *reler a apresentação e o primeiro capítulo da FSDB e os dois subsídios* enviados no ano passado: "A revisão da *Ratio*. CG24 147" e "Revisão da *Ratio* FSDB, estímulos para a reflexão". Recordar-se neles o itinerário de elaboração do texto atual e sublinham-se a natureza, características e diversos tipos de *Ratio*. Está claro que a *Ratio* não quer ser uma enciclopédia sobre a formação ou um tratado de pedagogia formativa; não é nem sequer um manual para os formadores ou uma coleção de subsídios sobre os diversos aspectos da formação.

4.2. *Partir da Ratio atual, “A formação dos salesianos de Dom Bosco” e “Critérios e normas”, edição 1985*

É a plataforma de base em que se fará a “revisão”. É oportuno recordar que a FSDB se refere à formação permanente e à formação inicial.

4.3. *Levar em consideração os passos indicados e as questões sugeridas nos dois subsídios enviados no ano passado. Aconselha-se neles que se tenham presentes **quatro momentos**, respondendo a algumas **questões-guia**. Recordemo-las:*

a. *Primeiro momento: conhecimento da atual Ratio e de Critérios e normas*

Estudo do texto atual, tanto sobre a organização fundamental e as orientações como a normativa.

Questões: nas diversas partes da *Ratio* e *CN*, quais os aspectos mais válidos e atuais, quais os que suscitam problemas e exigem aprofundamento?

b. *Segundo momento: confronto entre Ratio-CN e a situação da formação na Inspeção*

Rever a situação formativa na Inspeção; confronto entre FSDB, Diretório Inspeccional e projetos formativos.

Questões: em quais aspectos a *FSDB-CN* pede que adaptemos a práxis formativa?

c. *Terceiro momento: tomada de consciência e aprofundamento das novas exigências formativas*

Questões: quais as novas exigências para a formação da condição juvenil e cultural, da situação da vida salesiana, da experiência formativa, do critério de qualidade, das orientações da Igreja e da Congregação, etc.?

d. *Quarto momento: propostas de revisão da FSDB-CN*

Questão: em quais aspectos a ‘práxis formativa’ e as ‘novas exigências’ nos pedem para ‘rever’ a *FSDB-CN*? Por quê? Como?

5. Formulação das contribuições.

5.1. *Quais contribuições?*

Recorda-se que 'revisão' pode significar: aspectos a serem sublinhados com mais força; aspectos que devem ser mudados (eliminar, corrigir, esclarecer); pontos inadequados, insuficientes, obsoletos; novos aspectos a serem inseridos, etc.

5.2. *Fazer referência ao texto da FSDB e CN*

É oportuno indicar a referência ao texto atual, especificando a parte, o capítulo ou número a que se refere e esclarecendo qual o aspecto formativo a ser revisto.

5.3. *Contribuições motivadas e concretas*

Motivar, isto é, indicar o porquê da revisão e, quanto possível, sugerir um texto reelaborado. Em todo caso, é bom evitar indicações muito genéricas, pouco úteis a quem deverá fazer o trabalho de coleta e acolhida das contribuições.

5.4. *"Indicações técnicas"*

Apresentar as contribuições separadamente ou de modo que possam ser facilmente separadas.

Usar uma das seguintes línguas: italiano, francês, inglês, polonês, português, espanhol, alemão.

Ater-se, se possível, ao modo indicado no *anexo*.

5.5. *Data e forma do envio das contribuições: final de 1998*

Enviar a contribuição da Inspeção de modo unificado. Fazer com que chegue ao Conselheiro/Dicastério para a formação, Casa Geral, Roma.

Possivelmente, enviar a contribuição via *E-mail* ou em disquete.

A revisão da *Ratio* é uma expressão concreta do investimento formativo e da busca de qualidade, que o Reitor-Mor apresentou muitas vezes como prioridade do sexênio. A contribuição das inspeções manifesta concretamente a nossa comunhão no carisma de Dom Bosco e o empenho para viver a única vocação salesiana através da formação ao mesmo tempo unitária nos conteúdos essenciais e diversificada nas expressões concretas (C, 100).

2.2. RECONHECIMENTO DE PERTENÇA À FAMÍLIA SALESIANA

*Como foi dito na crônica do Conselho Geral (cf. n. 4 deste número dos ACG), em sua última reunião plenária, a pedido do Reitor-Mor, o Conselho fez uma revisão dos **critérios para o reconhecimento de pertença à Família Salesiana**, confirmando a validade das orientações dadas em 1982 (apresentadas no n. 304 dos ACS) e formulando algumas **“normas aplicativas”** a ter-se presentes, considerado o desenvolvimento que a Família Salesiana teve neste período de tempo e as reflexões que acompanharam esse desenvolvimento.*

Transcreve-se em seguida tanto as orientações dadas em 1982 (dos ACS 304, pp. 57-61), como as novas “normas aplicativas”.

I. Orientações adotadas pelo Conselho Superior para o reconhecimento de pertença à Família Salesiana (dos ACS 304, pp. 57-61).

A Família Salesiana e os seus dons

A pertença à Família Salesiana não é primariamente um fato jurídico e organizativo, mas consiste na participação vocacional do carisma de Dom Bosco, isto é, do seu espírito e da sua missão, de grupos que diretamente, como as Filhas de Maria Auxiliadora e os Cooperadores, foram fundados por Ele, ou indiretamente a ele se referem porque suscitados pelo Espírito Santo dentro do “fenômeno sale-

siano” com a mediação de algum salesiano e com o favor de ambientes e grupos salesianos, como aconteceu com as Voluntárias de Dom Bosco, que tiveram origem na obra do P. Rinaldi e no seu apostolado entre algumas Cooperadoras, Alunas e Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora⁵⁰.

Os elementos comuns entre os vários grupos da Família Salesiana (FS) reduzem-se, fundamentalmente, ao fato de serem chamados para a única missão salvadora própria de Dom Bosco, a ser realizada segundo o seu espírito, com vocações específicas diversas e, naturalmente, numa grande diversidade de pastoral e de iniciativas apostólicas⁵¹.

Tendo em conta a reflexão que depois do Capítulo Geral Especial (CGE) foi feita sobre os componentes que constituem a identidade vocacional salesiana pelo Reitor-Mor P. Ricceri em 1973⁵² e P. Viganò em 31 de janeiro de 1981⁵³, e representantes autorizados dos mesmos grupos já reconhecidos como já pertencentes à FS desde o CGE⁵⁴, tais valores podem ser enumerados da seguinte maneira:

Vocação salesiana, ou seja, o chamado a compartilhar o dom de Deus, o “carisma”, feito a Dom Bosco e à sua Família, em algum aspecto relevante da experiência humana e sobrenatural típica de Dom Bosco. O grupo deve manifestar que é movido pelo Espírito Santo e olhar para Dom Bosco como modelo e mestre e a querer atualizar, de alguma maneira, o seu carisma; torna-se mais fácil discernir isso se o fundador é um Salesiano, ou uma Filha de Maria Auxiliadora, ou outro membro da Família Salesiana.

Participação na Missão Juvenil e Popular salesiana; significa que o instituto tem entre os seus escopos todos, ou

⁵⁰ C SDB arts. 1 e 5.

⁵¹ CGE 161; C SDB ; R SDB 30.

⁵² ACS n. 252, outubro-dezembro 1973, p. 3ss.

⁵³ P. Egidio Viganò in *A mulher no carisma salesiano*, 8ª Semana de Espiritualidade Salesiana, LDC 1981, p. 257s.

⁵⁴ cf. *Cadernos do Dicastério para a FS*, n. 2, pp. 6-9 e 9-10.

alguns, da missão salesiana global: evangelização e catequese, promoção integral dos jovens, sobretudo pobres e abandonados, cultura cristã do “povo”, especialmente através dos meios de comunicação social, trabalho especialmente missionário.

Partilha do espírito e método educativo-pastoral salesiano, centrado na caridade pastoral, no espírito de família, no otimismo, na oração simples e vital, na estima dos sacramentos e na devoção a Maria⁵⁵.

Adoção de uma *criteriologia* pastoral e promoção de um tipo de presença e de ação educativa e pastoral que se inspira no “Sistema Preventivo” de Dom Bosco.

Vida evangélica, segundo o espírito salesiano, enquanto o Instituto propõe aos seus membros um ideal evangélico conforme ao “espírito dos conselhos”, como votos, promessas ou outro tipo de compromisso, vividos segundo o estilo de vida e de santificação salesiana do qual Dom Bosco e outros santos da Família Salesiana são modelos concretos.

Fraternidade ativa salesiana; cada grupo, com efeito, conserva a própria especificidade e autonomia, mas como riqueza de comunhão a ser oferecida à Família, e decide:

– inserir-se na realidade dos diversos grupos da Família Salesiana, e viver seus laços típicos de fraternidade e colaboração;

– reconhecer no Reitor-Mor, sucessor de Dom Bosco, a função de pai e de centro de unidade da Família, e, conseqüentemente, na Congregação Salesiana um papel especial de animação espiritual que ela herdou de Dom Bosco⁵⁶.

Todos esses elementos comuns são de per si fundamento de uma intensa comunhão e fraternidade apostólica entre

⁵⁵ C SDB arts. 40-49.

⁵⁶ C SDB 129; R CC 13; CGE 173.

os vários grupos de batizados que o partilham. O Fundador havia também realizado uma estreita união, com vínculos organizativos e jurídicos possíveis em seu tempo. Hoje, como expressão de fidelidade dinâmica à sua vontade, é bom procurar outros modos de comunhão, adaptado às características de cada grupo⁵⁷.

Reconhecimento de pertença à Família Salesiana

O Capítulo XX registrou a pertença à Família Salesiana em sentido estrito, a título vocacional, dos Salesianos, das Filhas de Maria Auxiliadora, dos Cooperadores e das Voluntárias de Dom Bosco; e deixou aberto o caminho para outros grupos que surgiram da morte de Dom Bosco até agora, ou que ainda poderão surgir sem todavia, indicar as modalidades do reconhecimento⁵⁸.

O *CGE* ao reconhecer para os Ex-alunos a pertença a título especial da educação recebida, abriu uma pertença à FS em sentido amplo aos destinatários da missão e a quantos vivem no grande círculo da presença salesiana na Igreja⁵⁹.

As presentes orientações dizem respeito exclusivamente a grupos que aspiram a ser reconhecidos como pertencentes à Família Salesiana na sua realidade vocacional e como participação e comunhão num carisma que procura espontaneamente algum sinal e estrutura de unidade em torno do Reitor-Mor, sucessor de Dom Bosco Fundador e primeiro animador da Família Salesiana.

Durante o *Capítulo Geral 21 (CG21)*, o Reitor-Mor precisou que a pertença à Família Salesiana em sentido estrito pode ser reconhecida somente a “grupos instituídos” e que “deve ser claro que um grupo não é instituído se não tem a

⁵⁷ Dom Bosco: *Regulamento dos CC. Introdução; Bollettino Salesiano* janeiro de 1878, pp. 1-3; Projeto de deliberação para o Capítulo Geral 1, 1877; Manuscrito de Dom Bosco; cf. *ACGE* nn. 153.154, *C FMA* de 1885, Título II, 1.2.4.6.7 etc. *CGE* 174-176.

⁵⁸ *CGE* 154-156; C 5; R 30.

⁵⁹ *CGE* 157 e 191; C 5 R 31.

aprovação do Reitor-Mor com o Conselho, se não tem uma história que lhe assegure o discernimento por parte dos organismos oficiais que podem dar a qualificação de instituição a um grupo”⁶⁰.

Trata-se, pois, de individuar as condições e indicar as modalidades para reconhecer autorizadamente por parte do Reitor-Mor que determinado grupo já pertence à Família Salesiana por fundação e possui seus elementos histórico-carismáticos.

O reconhecimento de pertença é declarado pelo Reitor-Mor e pelo seu Conselho quando um grupo faz livremente pedido e depois que se verificou que no seu projeto de vida e apostolado existem, substancialmente, os valores e orientações comuns da Família Salesiana e que eles são claramente afirmados nos documentos oficiais do mesmo grupo instituído.

Um Instituto que tenha nas suas Constituições claramente expressos os valores comuns da vocação salesiana e possa demonstrar a existência concreta deles não só nos seus documentos, mas na sua história e na vida, pode manifestar ao Reitor-Mor o desejo motivado de receber a declaração de pertença à Família Salesiana.

Como a adesão à Família Salesiana envolve o compromisso de todos os membros do Instituto, o pedido será feito pelas instâncias supremas do Instituto e corroborado pela vontade de adesão expressa pela Assembléia ou pelo Capítulo Geral, em vista dos deveres e dos direitos que disso derivam.

O Reitor-Mor fará estudar o pedido e as suas motivações pelo Dicastério para a Família Salesiana; se o exame resultar positivo, sondará a opinião de outros grupos reconhecidos pela Família Salesiana e pedirá o parecer do seu Conselho. Se, ao fim de tais verificações, o Reitor-Mor julgar que há elementos suficientes para responder afirmativamente ao pedido, comunicará as decisões ao grupo interessado e a todos os outros grupos que fazem parte da Família Salesiana.

⁶⁰ CG21 516.

O reconhecimento do Reitor-Mor não tira ao grupo reconhecido a sua autonomia, mas compromete-o a inserir em algum documento oficial, preferivelmente nas Constituições, a declaração de adesão à Família Salesiana, de modo que o fato seja conhecido e aceito por todos os seus membros.

As relações fraternas na Família Salesiana

Como conseqüência da adesão e do reconhecimento, o grupo considerará o Reitor-Mor como Sucessor de Dom Bosco, Pai e Centro de unidade de toda a Família Salesiana, aceitando as orientações e diretrizes que dizem respeito à fidelidade de cada grupo aos valores salesianos comuns a todos.

A adesão comporta um empenho particular de fraternidade espiritual e apostólica com todos os grupos da Família Salesiana. Tal empenho requer o conhecimento mútuo, a ajuda recíproca, a promoção vocacional, a comunicação e a presença nos acontecimentos significativos da vida de cada grupo por parte de todos os outros, como atuação da comunhão eclesial em estilo salesiano⁶¹.

Para favorecer essa comunhão com o diálogo e a união, a participação, o surgir de iniciativas comuns para a atuação da missão e da presença salesiana na Igreja e nas atividades sociais, será útil criar, com o consentimento de todos, estruturas ágeis – Consultorias ou Conselhos pastorais da Família Salesiana, por exemplo – para programar momentos de fraternidade, de estudo e de oração, que, enquanto permitem o intercâmbio das riquezas espirituais e a colaboração, evidenciam também um sentido mais vivo da identidade de cada um.

A Congregação Salesiana herdou de Dom Bosco particulares responsabilidades de animação e serviço pastoral em sentido salesiano para com os vários grupos que fazem parte da Família Salesiana, para favorecer a unidade e a fidelidade ao carisma de Dom Bosco, no pleno respeito da

⁶¹ CGE 165 e 189.

sua vocação específica. São estes os fins do Dicastério para a Família Salesiana⁶².

Enquanto a Congregação, em nível mundial, inspetorial e local se tornar disponível para tal serviço, considerando-o preferencial e preparando animadores adequados para as exigências dos componentes e dos destinatários do apostolado dos vários grupos, estes, por sua vez, considerarão o cuidado pastoral dos Sacerdotes salesianos e de outros grupos da Família Salesiana como ajuda à sua fidelidade, ao carisma de Dom Bosco e ao espírito de família⁶³.

Os salesianos, sem prejuízo da vida religiosa comunitária, abrirão de bom grado suas Casas e obras para acolher e animar os membros dos vários grupos no que diz respeito às exigências da sua vida e apostolado; assim também farão, em espírito de fraternidade, os vários grupos entre si.

Em particular a Congregação põe à disposição dos componentes da Família Salesiana seus instrumentos e organismos de formação e de história, bem como de promoção da espiritualidade e da missão salesiana, convidando todos à colaboração.

E como Dom Bosco dizia que “especialmente da leitura do *Boletim Salesiano* nasce um bem extraordinário, isto é, a unidade dos sentimentos e um vínculo estreitíssimo de união”⁶⁴, o Dicastério para a Família Salesiana convida os vários grupos a participarem com seus elementos qualificados nas atividades de comunicação social e de informação salesiana.

II. Normas aplicativas das orientações adotadas em 1982, estabelecidas pelo Reitor-Mor com o seu Conselho em 9 de janeiro de 1998

As indicações precedentes continuam válidas nos conteúdos e nas motivações que apresentam.

⁶² CGE 174-176 e 189.

⁶³ CGE 173; CG21 79; 402-403; 588; cf. também as respostas às mensagens ACG21, p. 312ss.

⁶⁴ MB XIII 286.

A fim de torná-las operativas e claras pareceu bem ao Reitor-Mor e ao seu Conselho, na reunião de 9 de janeiro, explicitar quanto segue:

- a) para comprovar a consistência na experiência salesiana, o Grupo peça ao Reitor-Mor o reconhecimento de pertença, pelo menos 10 anos depois do reconhecimento eclesial, de acordo com o Direito;
- b) a consistência salesiana comporta:
 - 1. a experiência vivida da vocação salesiana, além de expressa nos documentos oficiais;
 - 2. a consciência de elementos originais de vocação salesiana, que enriqueçam os outros Grupos da FS;
 - 3. a tendência ao crescimento numérico do Grupo;
 - 4. a difusão em várias Dioceses e Países;
 - 5. a capacidade organizativa interna, isto é, vida e atividade autônomas, embora em comunhão com os outros Grupos que compõem a FS;
- c) será dada atenção à composição dos Grupos, para que não resultem constituídos por pertencentes a Grupos já reconhecidos da FS.

Reconhecemos que os Grupos representam a riqueza da Família Salesiana de Dom Bosco e um dom à Igreja.

Auguramos, por isso, a sua consistência carismática.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Foram numerosos os encontros e visitas que caracterizaram o período janeiro-março do Reitor-Mor, no serviço de animação dos irmãos e comunidades, ao lado das atividades ordinárias desenvolvidas na sede de Roma.

Em 6 de janeiro, na Basílica de São Pedro, participa da solene ordenação episcopal de Dom Franco Dalla Valle, ex-Inspetor de Manaus, pela imposição das mãos de S.S. João Paulo II. O novo Bispo foi festejado em seguida na Casa Geral.

Concluída a sessão plenária invernal do Conselho Geral, o Reitor-Mor participa, nos dias 16-18 de janeiro das jornadas de espiritualidade da Família Salesiana, que encerra apresentando o comentário à Estréia 98 (cf. Documentos e notícias, n. 5.1).

No dia 25, no Instituto Pio XI, faz uma conferência à Família Salesiana romana sobre o tema da Estréia 98.

De 30 de janeiro a 1º de fevereiro está no Piemonte para a festa anual de Dom Bosco e outras celebrações.

A primeira etapa é **Fossano**, 30 de janeiro, para a inauguração de uma nova oficina dedicada ao salesiano coadjutor Mario Di Giovanni, falecido há 15 anos, que dedicou a sua vida à formação profissional dos jovens; em sua memória foi inaugurado pelo Reitor-Mor um busto de bronze.

Durante a visita a Fossano foi-lhe conferida a cidadania honorária por parte do Prefeito da cidade Prof. Giuseppe Manfredi. A recepção, no castelo dos Acaia, contou também com as saudações do Bispo Dom Natalino Pescarolo e do Presidente da Província de Cuneo Dr. Giovanni Quaglia que realçaram, com acenos diversos, a importância da presença salesiana em Fossano e a incisividade da sua obra no território. O Reitor-Mor, agradecendo pela honorificência recebida, fala brevemente da obra dos salesianos em Fossano e sublinha alguns problemas dos jovens e sua educação hoje.

Sábado, 31 de janeiro, **festa de São João Bosco**, na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim. O Reitor-Mor preside a celebração eucarística da qual participam os alunos e alunas

dos Salesianos e das FMA de Valdocco com muitas outras pessoas. A Basílica repleta conta com a participação de numerosos salesianos que concelebram.

Na homilia, acentua uma das características de Dom Bosco: a sua capacidade de *falar aos jovens de modo que o escutassem com entusiasmo. O que diria hoje Dom Bosco aos jovens sobre a sua vida, interesses e paixões, as suas dificuldades e projetos?* O Reitor-Mor acredita que os convidaria a valorizar a vida; proporia de novo o programa que oferecia aos seus jovens: *saúde, estudo e santidade, voltaria a convidar alguns deles a ficarem com ele para dedicar-se ao bem dos companheiros.*

Na Eucaristia que preside à noite, numa Basílica sempre repleta de pessoas, sublinha que Dom Bosco foi *uma pessoa que soube acolher as sugestões do Espírito e colocá-los a frutificar.* Conclui afirmando que *a festa de Dom Bosco é um convite à santidade e faz votos que em todos os ramos da Família Salesiana surjam santos, canonizados ou não, que sejam para o nosso mundo sinal da bênção de Deus, modelos a serem imitados, estímulo para um trabalho educativo constante e frutuoso.*

Durante o dia, pôde ainda visitar os salesianos enfermos no Cottolengo, na enfermaria de Valdocco e na casa "André Beltrami" de Valsalice.

No almoço, em clima de festa, estão presentes com os irmãos, também o Arcebispo de Turim Card. Giovanni Saldarini e Dom Luciano Pacomio Bispo de Mondovì, que presidiu duas celebrações eucarísticas pela manhã.

A terceira etapa da viagem ao Piemonte é o Instituto de **Borgomanero**, que comemora 90 anos de presença salesiana. Atualmente os salesianos animam um complexo escolar, que compreende escola média, liceu clássico e um liceu europeu com encaminhamento jurídico-econômico. Os ex-alunos orientam o círculo cultural "Bernini"; e existe também uma cooperativa "Vedogiovane".

Depois de cumprimentar as autoridades, o Reitor-Mor preside a Santa Missa em honra de Dom Bosco. Apresenta na homilia a figura de Dom Bosco como *Pai e Mestre*, sublinhando algumas simples regras que ele colocou em prática: *saber ver e compreender, saber escutar e falar, saber valorizar e ser positivo.*

Após o almoço com os salesianos e os hóspedes ilustres, vai a **Omegna** para honrar o túmulo do Venerável André Beltrami. Visita a igreja paroquial, que acolhe seus restos mortais, e a casa que conserva algumas de suas lembranças.

Volta a Turim e, à noite, retorna a Roma.

Grande relevo teve a viagem que o Reitor-Mor fez à **África**, no período 5-19 de fevereiro. A ocasião foi dada principalmente pela inauguração das duas novas Visitadorias da África Tropical Equatorial (ATE) e da África Ocidental de Língua Francesa (AFO), erigidas na recente sessão plenária do Conselho (cf. crônica do Conselho Geral, n. 4.2).

As celebrações para a inauguração das duas Visitadorias, com a posse dos respectivos Superiores, foram realizadas em Yaoundé (Camarões) para a ATE e em Lomé (Togo) para a AFO. As cerimônias foram honradas com a presença dos Inspetores ou seus representantes de quase todas as Inspetorias fundadoras.

A presença dos Inspetores deu a oportunidade de firmar, no mesmo ato do início das novas circunscrições, uma Convenção com que as Inspetorias-mães se empenham em sustentar as novas Visitadorias: com pessoal (salesiano e leigo voluntário) e com meios econômicos, por um determinado número de anos, de modo que a separação possa ser tranqüila e progressiva.

O Reitor-Mor, em sua viagem, estendeu a visita a várias outras presenças salesianas, tocando bem cinco países do continente: Camarões, Guiné Equatorial, Benin, Togo e Mali.

Deve-se dizer que em todos os lugares a presença do Rei-

tor-Mor incentivou manifestações de alegria e fraternidade fáceis de imaginar. Entre elas foi típica a cerimônia de acolhida repetida em todas as localidades visitadas, com pequenas, mas às vezes significativas modificações. Pode ser interessante recordar algumas dessas cerimônias. O Chefe da aldeia dá as boas-vindas ao hóspede, derramando água por terra em três direções, às vezes misturada com farinha de mandioca ou outro elemento, sinal da vida e como ato de respeito aos ancestrais ou antepassados que são os vigias da terra e da vida; depois convida o hóspede a ultrapassar a linha marcada pela água derramada, como sinal de benevolência e de paz, e a entrar na aldeia. O Chefe bebe e oferece ao hóspede para beber da mesma copa e enfim um grupo de dança, meninas e meninos, acompanha o hóspede ao interior da aldeia através de duas alas de gente em festa.

Também as celebrações eucarísticas foram características: multidões enormes para as quais não bastavam as igrejas precisando reunir-se nos pátios ou nos pátios e nas igrejas juntos; danças e procissões de ofertório sempre sugestivas; corais, elemento que não pode faltar na comunidade cristã da África, muito bem preparados.

A visita foi também caracterizada pela presença constan-

te de meios de comunicação sociais salesianos: o diretor do Boletim Salesiano francês, P. Joseph Inisan, acompanhou o Reitor-Mor durante quase toda a viagem. Os salesianos do lugar encarregaram o P. Gabriel Larreta para registrar em vídeo as várias fases da viagem para o Boletim Salesiano espanhol e para a documentação das novas Visitadorias. O Reitor-Mor deu também várias entrevistas a Rádios e TV nacionais e locais.

Acenamos agora brevemente às sucessivas etapas percorridas.

A viagem começa em **Camarões**, onde o Reitor-Mor chega à tarde de 5 de fevereiro. É a primeira visita de um Reitor-Mor àquela nação. Estão para recebê-lo o Regional para a África e Madagascar P. Antonio Rodríguez Tallón, o Superior da nova Visitadoria P. Miguel Angel Olaverri, e vários salesianos, que o acompanham à “Cité des Jeunes” de Yaoundé, onde é cumprimentado com afeto pelos irmãos e pelo povo.

No dia seguinte, depois de uma rápida visita aos locais do Centro Salesiano, o Reitor-Mor vai à Universidade Católica, fundada em 1990, onde encontra o Reitor Sr. Bartholomey Nvong e outros docentes; visita em seguida o Arcebispo Dom Jean Zoa. É, depois, levado a Leboudi,

“Maison provisoire pour stage des coadjuteurs”, onde realiza-se um curso anual de formação para jovens coadjutores. É uma nova experiência iniciada, no momento anual, que se pensa passar a dois anos de formação. Partindo do fato que a casa é dedicada ao coadjutor Giuseppe Rossi, o Reitor-Mor ressalta que a Congregação tem dois coadjutores Veneráveis: Srugi e Zatti, que evidenciaram em suas vidas quais devam ser as qualidades e os dotes do coadjutor salesiano: *a solidariedade moral e religiosa; o amor aos jovens, a capacidade educativa e a vida alegre de comunidade.*

À tarde do dia 6, na Capela da “Cité des Jeunes”, dá-se o ato oficial de inauguração da nova Visitadoria ATE, com a posse do Superior. O Reitor-Mor, congratulando-se com o novo Superior e com os irmãos que fazem parte da Visitadoria, recorda os princípios que orientaram Dom Bosco na fundação das primeiras comunidades: *favorecer as missões e apoiar a fraternidade*, princípios que continuam válidos ainda hoje. Depois do ato oficial de inauguração, o Reitor-Mor encontra os Diretores e os irmãos, tratando com eles o tema da comunidade local, insistindo em algumas definições da comunidade dadas nos últimos Capítulos Gerais: *escola, sinal, ambiente de fé, lugar pre-*

ferencial e fundamental de formação permanente, núcleo animador. Um empenho fundamental da nova circunscrição será justamente o de ter comunidades locais que funcionem, que respondam aos apelos capitulares e aos desafios da missão.

Sábado, 7 de fevereiro, vai a Ebolowa, onde os Salesianos cuidam da paróquia, de uma escola primária com 2.200 alunos e do centro de formação Dom Bosco. Este, que surgiu com a cooperação alemã, francesa e canadense, já está em parte funcionando. Hospeda no momento 80 alunos internos (a capacidade final será de 120), que aprendem o ofício de marceneiro. O Reitor-Mor visita os locais e fala aos jovens.

Sucessivamente, na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, preside a celebração da Eucaristia em honra de São João Bosco.

À tarde, depois de visitar o Bispo Dom Jean Baptiste Ama, participa de um espetáculo de cantos, danças, pequenas cenas, preparado pelos jovens em sua homenagem e, à noitinha retorna a Yaoundé.

No dia 8, no pátio da “Cité des Jeunes” celebra a Santa Missa diante de um grande público com as típicas coreografias locais.

À tarde, acompanhado pelo P. Olaverri e outros Salesianos,

benze aquela que será a nova casa inspetorial, visitando em seguida a Catedral e a comunidade das FMA chamada “Cité Marie Dominique”, localizada numa região da paróquia salesiana.

De Camarões, passando por Doula, acompanhado pelo P. Olaverri e pelo P. Jesús Guerra, Inspetor de Madri, o Reitor-Mor chega ao segundo país de sua viagem africana: a **Guiné Equatorial**, onde os Salesianos têm três obras: em Malabo com centro juvenil e paróquia; em Bata com o centro de formação profissional em costura, marcenaria e eletricidade; em Mico-meseng com uma paróquia.

Chega a Malabo, capital da Guiné Equatorial na manhã do dia 9 e, depois de cumprimentar os irmãos em nossa paróquia de Elá Nguema, visita os dois centros mantidos pelas nossas irmãs, “María Auxiliadora” e “Vaiso Ipola” (“Menina, levanta-te!”), e depois o Arcebispo Dom Ildefonso Obama.

Visita em seguida o seminário diocesano em Banapá, confiado aos cuidados dos Salesianos. Após o almoço retorna a Elá Nguema, onde encontra-se com os irmãos, preside a celebração eucarística e participa no centro juvenil de um espetáculo de cantos e jogos propostos pelos jovens.

Dia 10 de fevereiro está em Bata, onde visita o “Centro de Promoción Juvenil María Auxiliadora”, obra que compreende paróquia, oratório e centro juvenil, centro profissional para marceneiros com 120 alunos e uma fazenda distante alguns quilômetros. Depois da saudação ao Arcebispo Dom Anacleto Sima e da visita à Catedral e ao seminário maior, construído pelo salesiano P. Anselmo Pérez, que é administrador da Diocese, visita a fazenda, situada na região chamada Ecobenan, e a comunidade das Filhas dos Sagrados Corações, que vivem ao lado da casa salesiana.

Encontra-se aí com os irmãos das comunidades de Bata e de Mikomeseng, fala-lhes da Congregação como resulta da experiência de suas viagens (particularmente da recente viagem a Cuba) e sublinha as tarefas dadas pelo CG24, especialmente de *trabalhar para formar os leigos, dando-lhes a possibilidade de darem o máximo de suas forças e convocando-os e agregando-os à Comunidade Educativa e à Família Salesiana*. A Santa Missa celebrada com a Família Salesiana e um grande número de paroquianos coroa a visita.

Depois da Guiné Equatorial é a vez do **Benin**, onde os salesianos têm quatro casas: em Cotonou, centro de formação, pa-

róquia e oratório; em Porto Novo, paróquia e “foyer” para meninos de rua; em Kandi, paróquia; e em Parakou, um centro profissional e paróquia.

Chega a Cotonou à tarde de 11 de fevereiro: esperam-no no aeroporto o P. Lluís María Oliveras, Superior da Visitadoria AFO, à qual pertencem as casas de Benin, vários irmãos das diversas casas e algumas irmãs FMA.

Em nossa paróquia de Santo Antônio de Pádua, onde é servido o jantar, vive-se um intenso momento de fraternidade e de família. Na boa noite o Reitor-Mor, sublinhando o significado dos acontecimentos que levaram à criação das duas novas Visitadorias, fala de *passado, presente, futuro*. *Passado: fez-se um grande trabalho em extensão; Presente: o presente lança desafios sobre a capacidade comunitária; Futuro: será preciso enraizar-se no tecido social da gente do lugar e conseguir anunciar a mensagem evangélica com simplicidade, mas com eficácia, para que encontre a vida e a mentalidade desses povos.*

No dia 12, o Reitor-Mor é levado a Porto Novo onde visita antes de tudo a interessante obra que os salesianos abriram no bairro Aymlonfide, o “Foyer Don Bosco” para a promoção dos meninos de rua, com um programa de alfabetização e a possibi-

lidade de aprenderem um ofício. Depois do encontro com o bispo Dom Vicente Mensah, visita a paróquia salesiana de São Francisco Xavier, onde é acolhido com os típicos sinais que os povos africanos reservam aos hóspedes de honra.

À tarde, retornando a Cotonou, inaugura o novo "Centro Dom Bosco", um complexo que compreende salas de aula, oficinas de marcenaria e eletrotécnica, uma grande sala para encontros, ambientes para os professores e escritórios, campos de esporte e outros locais, construído com a ajuda da "Cives mundi", uma organização não governamental de Navarra, Espanha.

Com um espetáculo, preparado e realizado pelos jovens do Centro e pelas jovens das FMA, e com a sucessiva Missa celebrada na bela igreja paroquial, repleta de 2500 pessoas, termina as intensas jornadas no Benin.

Togo é a quarta nação africana visitada pelo Reitor-Mor. Nela os Salesianos têm cinco obras. P. Vecchi visita Lomé-Gbodjome que tem o noviciado, paróquia com sete estações missionárias e oratório; ainda em Lomé, a "Maison Don Bosco", com o pós-noviciado e oratório, a paróquia Maria Auxiliadora com seis estações missionárias e o Centro de Preparação CAMA e o "Foyer Domingos Sá-

vio". Outras duas obras são em Kara e em Cinkassé, com paróquia, centro juvenil, centro de promoção social e capelanias.

Chega em Lomé na manhã do dia 13 de fevereiro e vai logo visitar a comunidade de Gbodjome. Aqui os Salesianos, além do noviciado, cuidam também da paróquia com sete estações missionárias na região. A população é quase toda animista, de raça Budu. A acolhida é muito festiva: os noviços e a população acolhem o Reitor-Mor com grande entusiasmo. No encontro que tem com os noviços o Reitor-Mor, sublinhando o importante momento que estão vivendo para a própria formação, *evidencia algumas etapas fundamentais que devem percorrer: o conhecimento muito profundo de Dom Bosco, o sentido de pertença à Congregação, o entusiasmo missionário, a interiorização da vida.* Segue a celebração da Santa Missa em honra do P. Filipe Rinaldi a quem é dedicado o noviciado.

À tarde vai a Lomé, "Maison Don Bosco", sede do pós-noviciado das duas Visitadorias AFO e ATE. São 19 pós-noviços. Em seu curso de estudos unem-se também outros religiosos: Combonianos, Franciscanos e Missionários do Verbo Divino. São ao todo 57 estudantes.

À noite o Reitor-Mor encontra os jovens irmãos. O tema da sua intervenção é a resposta

à questão: *qual deve ser o tipo de salesiano que será chamado a levar adiante o carisma salesiano na África?* P. Vecchi realça algumas características às quais não se pode renunciar: *o salesiano deve ser uma pessoa humanamente madura, com grande profundidade espiritual e cristã na trilha de Dom Bosco, com uma boa preparação profissional e intelectual, um progressivo conhecimento e experiência da pastoral salesiana e a capacidade de entregar-se totalmente a ela.*

Sábado, 14 de fevereiro, o Reitor-Mor preside a concelebração. Estão presentes os diretores das comunidades de Benin e Togo, os noviços, os pós-noviços e as FMA das comunidades de Lomé e Kara com a Inspetora Ir. Wilma Tallone.

Às 9:30 dá-se o ato oficial da inauguração da nova Visitadoria da África Ocidental de Língua Francesa, dedicada a Nossa Senhora da Paz, com a posse do novo Superior. Após a leitura do Evangelho e das Constituições, o Reitor-Mor ressalta a importância que tem a figura do Inspetor na animação de uma Inspetoria e evidencia alguns de seus aspectos característicos, também enquanto sacerdote, encarregado de apresentar Deus à comunidade inspetorial e às comunidades locais, de tornar evidente que a nossa missão é

uma missão pastoral e está relacionada com o sacerdócio de Cristo.

Depois do ato oficial de inauguração da Visitadoria, o Reitor-Mor encontra os irmãos; à tarde tem um reunião com o Conselho Inspetorial e à noite participa da festa que os jovens organizaram em sua homenagem no pátio da paróquia Maria Auxiliadora.

Preside, no domingo, a celebração da Eucaristia na paróquia e participa de uma manhã de festa com toda a comunidade paroquial. À tarde visita o Centro Maria Domingas Mazzarello das FMA, encontrando-se com as nossas irmãs, com os Cooperadores e Cooperadoras e com as VDB da Visitadoria.

No dia seguinte, 16 de fevereiro, o Reitor-Mor vai em visita ao Centro Maria Auxiliadora — CAMA — que depende da comunidade da paróquia, mas está próxima à “Maison Don Bosco”. São acolhidos no Centro 180 alunos e alunas externos que freqüentam cursos de eletricidade, mecânica geral, climatização, marcenaria, mecânica e costura. Há também na obra um “Foyer” dedicado a Domingos Sávio, que acolhe alguns jovens de 18 a 20 anos em graves dificuldades de abandono.

Retornando à “Maison Don Bosco”, o Reitor-Mor encontra os formadores do noviciado e do

pós-noviciado. Depois do almoço, que acontece no noviciado, vai à tarde fazer uma homenagem a Nossa Senhora no santuário de Togoville.

Terça-feira, 17 de fevereiro, depois de um novo encontro com os estudantes do pós-noviciado, vai ao aeroporto e parte para o **Mali**, quinta e última etapa da viagem à África. Encontra no aeroporto o Núncio Apostólico de Dakar, o bispo de San Dom Jean-Gabriel Diarra, o Vigário Episcopal de Bamako e algumas personalidades civis: o Subsecretário do ministério da educação, um deputado do parlamento malinense e o Chefe do Gabinete Administrativo. As presenças do Núncio e do Bispo de San devem-se à morte e aos funerais do Arcebispo de Bamako Dom Luc Aguste Sangaré.

Em 18 de fevereiro, o Reitor-Mor visita em Bamako o centro salesiano "Père Michel". Ali são acolhidos 350 alunos, entre os quais algumas meninas, para os cursos profissionais de mecânica de automóveis, mecânica agrícola, construções metálicas e eletricidade. São também acolhidos no centro 80 jovens internos. Durante a visita do Reitor-Mor foram inaugurados outros novos ambientes. A inauguração estavam presentes várias autoridades. O representante do ministério da Instrução e

o representante do Gabinete do Ministro, o diretor nacional de educação, o responsável diocesano do ensino religioso. Todos tomaram a palavra brevemente para sublinhar alguns aspectos da circunstância, recordar a dimensão fundamental da educação na formação da pessoa e da sociedade, sublinhar a validade do trabalho desenvolvido pelos salesianos em Bamako e agradecer ao Reitor-Mor pela sua presença. P. Vecchi, depois de agradecer a acolhida recebida e a estima que circunda o trabalho dos salesianos, abençoa os novos ambientes, alguns dos quais ainda em construção.

Encontra depois os professores do Centro e fala da necessidade de colaboração para um trabalho educativo frutuoso. À noite entretém-se com os irmãos tirocinantes da Visitadoria. São seis: três clérigos e três coadjutores.

No dia seguinte, o Reitor-Mor, acompanhado pelo Superior da Visitadoria e pelo Regional para a África, vai em visita à fazenda agrícola situada em Moribabougou, a 18 quilômetros de Bamako. Possui 40 hectares e está situada ao longo do rio Niger. Acolhe uns 80 jovens e está equipada também para hospedar pessoas para passar a noite.

Retornando ao Centro Père Michel, encontra os irmãos vin-

dos dos diversos Países da Visitadoria. Recorda-lhes algumas exigências prioritárias do caminho que estamos fazendo: *consolidação da comunidade; formação das pessoas: catequistas, colaboradores, animadores, salesianos; reforço do caminho de formação; extensão de atividades e presenças.*

À tarde, depois de visitar o bairro chamado Sansfil (o nome tem origem no fato que havia na região um centro de comunicação telegráfica), também ele animado pelos salesianos, encontra um grupo de nove pessoas que se preparam para fazer a promessa de Cooperador Salesiano. Na Boa noite, que dá no final do dia, o Reitor-Mor agradece a todos pelo trabalho realizado e pela grande acolhida que lhe reservaram e resume os temas desenvolvidos em sua visita à África, convidando *a continuar no amor a Dom Bosco e aos jovens, manter o sentido de Congregação, a solidez na formação e a união fraterna humana e espiritual.* Recorda que *o espaço de trabalho em que se realiza o projeto é a comunidade educativa e a Família Salesiana.*

Após o jantar, acompanhada pelos irmãos, vai ao aeroporto para retornar a Roma.

Outro momento importante foi a viagem à Inspeção "São

Marcos" de Veneza, nos dias 27 de fevereiro a 1º de março.

No dia 27 o Reitor-Mor está em **Veneza**, Ilha de São Jorge Maior, onde na sala Palladio da "Fundação Giorgio Cini", antigo refeitório da abadia beneditina, dá-se a solene inauguração do ano acadêmico da *Escola Superior Internacional de Ciências da Formação (SISF)*. A Escola nasceu no interior do ISRE, uma associação cultural criada em 1990, promovida pela Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Pontifícia Salesiana, pela Inspeção Salesiana "São Marcos" e pela Federação CNOS-FAP do Vêneto. Com particular atenção ao Vêneto e à área cultural do Alpeátria, tem como finalidade a formação superior de formadores na área psico-pedagógica, social, de orientação e didática.

Estão presentes ao ato, além do Inspetor, do diretor do Centro, do Reitor Magnífico da UPS Prof. P. Michele Pellerey, numerosas autoridades: o Cardeal Patriarca Marco Cè, o Presidente da Fundação Giorgio Cini Prof. Feliciano Benvenuti, o Secretário Geral da Fundação Cini Prof. Renzo Zorzi, o Presidente da Província Prof. Luigi Busato, o Assessor Regional para a Cultura e Formação Dr. Cesare Campa em nome do Presidente da Região Vêneto, o Prof. Giovanni Frezza, em nome do

Prefeito de Veneza, vários assessores, FMA, amigos e um discreto público.

Muitos ilustres hóspedes tomam a palavra (entre outros, o Patriarca homenageia a memória do P. Egídio Viganò, chamando-o de “grande homem de Igreja”). O Reitor-Mor, depois de agradecer as autoridades presente pelas palavras de apreço em relação à obra dos salesianos, apresenta uma relação em que ilustra, com breves acenos, *o atual empenho da Congregação Salesiana na formação, que atualiza as intuições e realizações de São João Bosco em favor dos jovens e adultos que se ocupam da sua educação.*

Sábado, 8 de fevereiro, o Reitor-Mor participa em **Trieste** das celebrações da presença centenária dos salesianos naquela cidade.

Evidenciam-se, entre os momentos de celebração, o encontro com o Bispo Dom Eugenio Ravnani, a recepção na sede municipal da cidade oferecida pelo Prefeito, pelo Governador da Província e outras autoridades, a festa juvenil que acontece no Oratório, onde o Reitor-Mor é acolhido ao som da banda, também ela centenária, enfim a comemoração oficial no teatro na presença do Bispo, do Prefeito, de outras autoridades, de salesianos, FMA, amigos. O discurso comemorativo é feito pelo

P. Pietro Zovatto, professor da Universidade de Trieste que se deteve particularmente nos primeiros anos.

No dia 1º de março, no palácio dos esportes de Chiarbola, em Trieste, acontece a *20ª Festa dos Jovens* do Vêneto Este, que SDB e FMA organizam em conjunto. Presente, ao lado do Reitor-Mor o Inspetor P. Roberto Dissegna, o Inspetor de Zagreb P. Stefano Bolkovac, a Inspetora do Vêneto Este Ir. Ileana Anzolla, o Bispo de Trieste Dom Eugênio Ravnani, o Prefeito da cidade Prof. Roberto Illy.

Muito interessante a manifestação que se desenvolveu na forma de entrevistas a alguns personagens: o Reitor-Mor, um jovem casal, um opositor de consciência, um jovem sacerdote que trabalha na Bósnia. O Reitor-Mor, concluindo as intervenções, *manifesta a sua admiração pelos testemunhos ouvidos. Recorda que não faltam espaços nos quais empenhar-se: pobreza, sofrimento, necessidade de educação podem ser encontrados em todos os lugares e há lugar para todas as generosidades. Sublinha que, se é verdade que as necessidades estão presentes em ambientes que nos são próximos, é preciso olhar também para o mundo, para as regiões onde as necessidades são imensas e extremas, onde há muita necessidade e se deve manifestar muito amor.*

Às entrevistas, intercaladas com peças musicais, segue a celebração eucarística. Em seguida, após o almoço, a festa continua no Oratório, onde realiza-se também a reunião da Família Salesiana.

À noite o Reitor-Mor retorna a Roma.

4.2. Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária invernal do Conselho, quarta do sexênio, realizou-se de 9 de dezembro de 1997 a 9 de janeiro de 1998, mais breve no tempo (devido ao empenho do Reitor-Mor no Sínodo dos Bispos da América no mês de novembro), mas igualmente intensa pelo trabalho realizado e os temas tratados: foram 20 as reuniões plenárias, acompanhadas do trabalho de grupo e de encontros interpersonais. Como sempre, foi notável a quantidade de práticas vindas das Inspetorias, tratadas em Conselho: nomeação de membros de Conselhos Inspetoriais e aprovações de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período 7 aberturas de novas casas, 14 ereções canônicas de casas, 4 encerramentos canônicos), práticas sobre irmãos e práticas econômicas e administrativas.

O maior empenho foi dado, obviamente, aos temas de governo e animação das Inspetorias e ao estudo de alguns temas de caráter mais geral que interessavam a Congregação em seu conjunto. Apresenta-se em seguida o elenco dos principais assuntos.

Nomeações de Inspetores

Foram numerosos os Inspetores ou Superiores de Visitadorias que o Conselho examinou durante a sessão, procedendo — como de costume — à cuidadosa análise das consultas inspetoriais, seguida do discernimento sobre os principais nomes surgidos e da votação em sede de Conselho.

Eis o elenco, em ordem alfabética, dos Inspetores nomeados, durante a sessão: Buzon Patrício, para a Inspetoria das Filipinas Sul; da Costa Raimundo Ricardo Sobrinho, para a Inspetoria de Recife, Brasil; Krason Franciszek, para a Inspetoria de Wroclaw, Polônia; Medabalimi Balaswamy, para a Inspetoria de Hyderabad, Índia; Nau Jean-Paul Julio, para a Visitadoria do Haiti; Preston Francis, para a Inspetoria da Tailândia; Sucarrats Font Juan, para a Inspetoria de Manaus, Brasil; Worek Jerzy, para a Inspetoria de Pila, Polônia.

Foram também nomeados os dois Superiores das novas Visitadorias constituídas na África: Olaverri Miguel Angel, para a Visitadoria da África Tropical Equatorial, e Oliveras Lluís María, para a Visitadoria da África Ocidental de Língua Francesa.

Relatórios das Visitas Extraordinárias

O exame dos relatórios das Visitas extraordinárias às Inspetorias, apresentados pelos respectivos Visitadores, representa um dos momentos mais qualificados do trabalho do Conselho, para a animação da Congregação articulada nas diversas circunscrições locais. O exame do relatório permite refletir juntos sobre o caminho de cada Inspetoria, recolhendo quanto foi individualizado pelo Visitador e oferecendo posteriores sugestões para a ação de governo.

Durante esta sessão, foram estudados os relatórios das visitas às Inspetorias de Recife, Brasil; Guadalajara, México; México, México; à Visitadoria do Leste; Sardenha, Itália; à Circunscrição Especial da Europa Leste.

Relações informativas de cada Conselheiro

Como nas demais sessões, cada Conselheiro de setor (formação, pastoral juvenil, Famí-

lia Salesiana e comunicação social, missões, economia), como também o Reitor-Mor e o seu Vigário, apresentaram uma relação sucinta das principais atividades desenvolvidas — pessoalmente e em nível de Dicastério — a serviço da animação das Inspetorias e da Congregação em nível mundial. Também o Conselheiro para a África e Madagascar fez uma relação da atividade realizada na animação da África salesiana.

As relações informativas dos Conselheiros permitiram examinar alguns aspectos e sugerir alguns temas, que o Conselho examinará com uma reflexão mais específica.

Ereção de duas novas Visitadorias africanas

Referindo-se ao primeiro consenso já expresso na sessão plenário de julho de 1997 (cf. crônica do Conselho Geral em ACG362, pág. 75), o Reitor-Mor com o seu Conselho erigiu formalmente duas novas *Visitadorias Salesianas* na África:

— Visitadoria da *África Ocidental de Língua Francesa* (AFO), intitulada a “Nossa Senhora da Paz”, com sede em Abidjan (Costa do Marfim), que compreende as presenças salesianas nos Estados do Benin, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Guiné Conakry, Mali, Senegal e Togo;

— Visitadoria da *África Tropical Equatorial* (ATE), intitulada a “Nossa Senhora da África”, com sede em Yaoundé (Camarões), que compreende as presenças salesianas nos Estados dos Camarões, Chade, Congo (Brazzaville), Gabão, Guiné Equatorial, República Centro Africana.

Sempre em relação à África, o Reitor-Mor com o seu Conselho — tendo em consideração o desenvolvimento da presença salesiana, relevada também na recente visita extraordinária — erigiu como Inspetoria a já existente Visitadoria “São João Bosco” da África Este (AFE), com sede em Nairobi (Quênia).

Os decretos de ereção das duas Visitadorias e da Inspetoria são apresentados na sessão “Documentos e Notícias” deste número dos ACG (cf. n. 5.2, 5.3 e 5.4).

Redefinição dos limites das Inspetorias italianas Adriática e Lombardo-Emiliana

Referindo-se ao estudo feito pelo Conselho Geral em setembro de 1997 sobre a significatividade da Congregação Salesiana na Itália e sobre a eventual reordenação de algumas presenças, tendo também em conta a reflexão feita pela Conferência das Inspetorias Salesianas da Itália (CISI), o Rei-

tor-Mor com o seu Conselho examinou — de modo particular — as obras salesianas na Romanha e, depois de ter consultado os Conselhos Inspetoriais e os irmãos, deliberou que as Casas da Romanha e da República de São Marino, atualmente dependentes da Inspetoria Adriática “Nossa Senhora de Loreto”, com sede em Ancona, sejam unidas à Inspetoria “São Carlos Borromeu” com sede em Milão, a partir de 1º de setembro de 1998. Trata-se, especificamente, das casas de Faenza, Forlì, Ravenna, Rimini e San Marino.

Dimensão e organização da “Ratio”

O Conselho Geral, com a apresentação do Conselheiro para a Formação, dedicou um espaço de reflexão ao trabalho de *revisão da “Ratio”*, confiada pelo CG24, n. 147, como tarefa do Conselho Geral neste sexênio. A reflexão levou a determinar, particularmente, alguns critérios sobre a dimensão da revisão pedida (qual “tipo” de revisão se deseja) e sobre a organização do processo, estabelecendo também a forma de envolvimento que se projeta na primeira fase do trabalho.

Apresenta-se na seção “Orientações e diretrizes” deste número dos ACG uma intervenção do Conselheiro para a formação que ilustra o trabalho de

“revisão da Ratio”, com a contribuição pedida às Inspetorias (cf. n. 2.1).

Crítérios para o reconhecimento de pertença à Família Salesiana

O reconhecimento de pertença de grupos à Família Salesiana é uma responsabilidade própria do Reitor-Mor, enquanto sucessor de Dom Bosco, centro de unidade da Família. No processo de discernimento, que leva ao reconhecimento, o Reitor-Mor costuma envolver o Conselho. Por isso, desde 1982, o Reitor-Mor com o seu Conselho tinha delineado alguns critérios principais para o reconhecimento de pertença, que foram apresentados no n. 304 dos Atos do Conselho Geral.

Agora, levando em conta os progressos desenvolvidos na Família Salesiana, também em número de grupos reconhecidos, e as reflexões dos últimos anos, o Reitor-Mor quis submeter os critérios anteriores a uma revisão em âmbito de Conselho Geral.

Brotou da revisão a confirmação substancial dos mesmos critérios, mas foram individualizadas algumas “normas aplicativas” que atualizam os critérios sob alguns aspectos concretos.

Apresentam-se no n. 2.2 destes ACG tanto os critérios já indicados nos ACG n. 304 como as “normas aplicativas” agora estabelecidas.

Reunião conjunta dos Conselhos Gerais SDB e FMA

À tarde de 22 de dezembro, na Casa Geral dos Salesianos, realizou-se o encontro periódico dos dois Conselhos SDB e FMA, para refletirem juntos sobre um tema de interesse comum: *O Jubileu do ano 2000 na Família Salesiana*, particularmente quanto às responsabilidades das duas Congregações na preparação e atuação.

Partindo da reflexão prévia e das propostas surgidas nos dois Conselhos, apresentadas pelos respectivos Vigários, desenvolveu-se o tema, em grupos de trabalhos e em Assembléia. Foram enfrentados sobretudo dois pontos de reflexão. 1. Linhas e orientações comuns no caminho de preparação ao Jubileu. 2. Eventuais propostas de iniciativas comuns para a Família Salesiana. Surgiram orientações e propostas interessantes, que servirão de estímulo para o caminho comum até o Jubileu. Como sempre, o encontro foi apoiado pela oração comum e pela alegria do clima especial pré-natalício.

Concluindo a sessão plenária, sexta-feira, 9 de janeiro de 1998, o Reitor-Mor fez um exame da atuação da programação do sexênio.

5.1. Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana (XX Encontro)

Realizaram-se nos dias 16-18 de janeiro de 1998, no *Salesianum* de Roma, as *Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana*. Era a 20ª edição desse significativo encontro espiritual. As jornadas, organizadas e preparadas pelo Vigário do Reitor-Mor, contaram com a presença de 12 grupos da Família, com cerca de 170 participantes, na maior parte vindos da Europa. Como já no ano passado, os encontristas tiveram em mãos, desde o início, o livro das Relações, com o texto das intervenções em língua italiana. Estavam também disponíveis as traduções nas principais línguas.

O tema, centrado na “Estréia 1998”: *Redescubramos, com os jovens, a presença do Espírito na Igreja e no mundo*, propunha-se um confronto sobre a *espiritualidade inspirada no carisma salesiano*, na ótica da

mesma reflexão que empenha a Igreja neste segundo ano do Triênio de preparação imediata ao Jubileu do ano 2000, isto é, a reflexão sobre o *Espírito Santo*.

O encontro foi aberto na tarde da sexta-feira, 16 de janeiro, com uma ampla relação do Prof. P. Maurilio Guasco, professor de História do pensamento político contemporâneo na Universidade estatal de Turim, sede de Alessandria, subdividida em duas partes: a primeira sobre *O Espírito na Igreja e no mundo atual, a segunda mais especificamente sobre a Metodologia para habilitar-se à leitura sapiencial da realidade*.

Muito interessante foi — na manhã do sábado — o desfile de intervenções por parte dos representantes de grupos da Família Salesiana, que propuseram a leitura do carisma específico de alguns grupos à luz do Espírito. Intervieram: P. Morand Wirth SDB, que leu a intervenção de Dom Pierre Pican, Bispo salesiano de Bayeux e Lisieux (impedido por doença de participar pessoalmente); Ma-

dre Antonia Colombo, Superiora Geral das FMA; Prof. Roberto Lorenzini, Coordenador Geral dos Cooperadores Salesianos; Srta. Gianna Martinelli, Responsável Maior das VDB; Madre Carmelina F. Mosca, Superiora Geral das Salesianas Oblatas do Sagrado Coração; Sr. Antonio Suescun, Coadjutor Salesiano da Espanha, Sr. Peter Shimwell, voluntário da Grã-Bretanha.

A temática foi posteriormente aprofundada na tarde de sábado com três intervenções colocadas na perspectiva da nossa missão educativa e pastoral. P. Octavio Balderas SDB (México) apresentou uma relação sobre o tema: *Para uma pedagogia no Espírito*. O mesmo tema foi completado pela intervenção da Ir. Renata Bozzetto, da comunidade FMA de Subiaco. Em seguida, o P. Cyril D'Souza SDB (Índia) falou sobre *Comunicar o Espírito a seguidores de outras religiões*.

As relações em aula, seguidas sempre de perguntas e comentários dos encontristas, foram depois objeto de aprofundamento especial nos trabalhos de grupo, que se realizaram sobretudo em dois momentos: o primeiro, na manhã de sábado, orientado especialmente à comunicação de experiências (na Família Salesiana, no Movimento

Juvenil Salesiano, na comunidade educativa); o segundo, mais prolongado e trabalhoso na tarde também de sábado, com uma apresentação do P. Antonio Martinelli, dedicado à *Releitura da Carta de Comunhão a partir da perspectiva da esperança* (um dos aspectos sublinhados da Estréia).

Na jornada de domingo, após a Eucaristia presidida pelo Reitor-Mor e depois da apresentação orgânica dos trabalhos de grupo, o mesmo Reitor-Mor concluiu o encontro com o seu precioso comentário à Estréia no qual, depois de ter individuado a “chave para conhecer o Espírito” (Jesus Cristo) e ter indicado os “lugares para redescobrir o Espírito” (a Igreja, lugar da Palavra, da missão e da comunhão, o projeto pessoal de vida, a história humana e o universo ou cosmos), colocou a redescoberta do Espírito no horizonte da esperança e propôs algumas linhas concretas para “viver e trabalhar com confiança na educação de cada um e dos grupos, dos jovens e dos adultos”, com uma referência específica aos dons do Espírito aplicados à nossa missão pedagógica.

Como sempre, as jornadas foram caracterizadas, além do aprofundamento espiritual, pelos momentos de oração e de fraternidade.

**5.2. Decreto da ereção
canônica da Visitadoria
Salesiana “Nossa
Senhora da Paz”,
da África Ocidental
de Língua Francesa**

Prot. nº 002/98

O abaixo assinado
Sac. Juan E. VECCHI,
Reitor-Mor da Sociedade Sale-
siana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvi-
mento das presenças salesia-
nas da África Ocidental de
Língua Francesa, e especifi-
camente nos seguintes Es-
tados: Benin, Burkina Fasso,
Costa do Marfim, Guiné-Co-
nacri, Mali, Senegal e Togo;
- levando em consideração que,
para uma animação mais efi-
caz, no dia 1º de maio de 1992
foi nomeado para as presen-
ças acima listadas, um Dele-
gado do grupo de Inspetores;
- ouvidos os Inspetores interes-
sados e vistos os resultados
da consulta promovida entre
os irmãos que trabalham nos
países acima listados;
- em referência ao artigo 156
das Constituições;
- obtido o consentimento do
Conselho Geral na reunião de
5 de janeiro de 1998, de acor-
do com os artigos 132 §1,1 e
156 das Constituições;

ERIGE CANONICAMENTE

mediante o presente Decreto, a
nova **VISITADORIA SALE-
SIANA DA ÁFRICA OCIDEN-
TAL FRANCÓFONA**, intitu-
lada a **“NOSSA SENHORA
DA PAZ”**, com sede em **ABID-
JAN-Koumassi** (Costa do Mar-
fim), casa “São Francisco de Assis”, constituída pelas seguintes
casas, canonicamente eretas, si-
tuadas nos diversos Estados:

- No *Benin*:
COTONOU “S. Antônio de Pá-
dua”
KANDY “Nossa Senhora do
Carmo”
PARAKOU “Maria Auxiliado-
ra”
PORTO NOVO “São Francis-
co Xavier”
- Na *Costa do Marfim*:
ADIBJAN-Koumassi “São
Francisco de Assis”
DUÉKOUÉ “Santa Teresinha
do Menino Jesus”
KORHOGO “São João Bosco”
- Na *Guiné-Conacri*:
CONACRI “São José”
KAN KAN – Dabadougou
“São João Bosco”
- No *Mali*:
BAMAKO “São José”
SIKASSO “Maria Auxiliado-
ra”
TOUBA “São João Bosco”
- No *Senegal*:
ST. LOUIS “Nossa Senhora
de Lurdes”

TAMBACOUNDA “Rainha do Universo”	O presente Decreto entrará em vigor no dia 31 de janeiro de 1998.
THIÉS “Maria Auxiliadora”	
– Em Togo:	
CINKASSÉ “Maria Auxiliadora”	Roma, 5 de janeiro de 1998.
KARA “São João Bosco”	Sac. Juan E. VECCHI
LOMÉ-Ggodjome-Noviciado “B. Filipe Rinaldi”	Reitor-Mor
LOMÉ-Pós-noviciado “São João Bosco”	Sac. Francesco MARACCANI
LOMÉ-Paróquia “Maria Auxiliadora”	Secretário-Geral

e também a presença salesiana, ainda não canonicamente erigida, em BOBO-Dioulasso, em *Burkina Fasso*.

Fica estabelecido quanto segue:

1. Pertencem à Visitadoria os irmãos que, na data da ereção canônica, vivem e trabalham nas Casas e presenças salesianas acima listadas.
2. Pertencem-lhe também os irmãos em formação vindos de todos os países africanos aos quais se estende a Visitadoria, embora inseridos em comunidades formadoras externas.
3. O âmbito das relações da Visitadoria com as Inspetorias de origem será definido por uma Convenção especial, aprovada pelo Reitor-Mor.

5.3. Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana “Nossa Senhora da África”, da África Tropical Equatorial

Prot. nº 003/98

O abaixo assinado
Sac. Juan E. VECCHI,
Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento das presenças salesianas nos países da África Tropical Equatorial, e especificadamente nos seguintes Estados: Camarões, Chade, Congo (Brazzaville), Gabão, Guiné Equatorial, República Centro-Africana;
- levando em consideração que, para uma animação mais eficaz, no dia 15 de maio de 1993

- foi nomeado para as presenças acima listadas, um Delegado do grupo de Inspetores;
- ouvidos os Inspetores interessados e vistos os resultados da consulta promovida entre os irmãos que trabalham nos países acima listados;
 - em referência ao artigo 156 das Constituições;
 - obtido o consentimento do Conselho Geral na reunião de 5 de janeiro de 1998, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições;

ERIGE CANONICAMENTE

mediante o presente Decreto, a nova **VISITADORIA SALESIANA da África Tropical Equatorial**, intitulada **“NOSA SENHORA DA África”**, com sede em **YAOUNDÉ (Camarões)**, casa “São João Bosco”, constituída pelas seguintes casas, canonicamente eretas, situadas nos diversos Estados:

- Em *Camarões*:
 EBOLOWA “Nossa Senhora de Fátima”
 YAOUNDÉ “São João Bosco”
- No *Chade*:
 SARH “B. Josefina Bakita”
- No *Congo (Brazzaville)*:
 BRAZZAVILLE “São João Bosco”
 BRAZZAVILLE “São Carlos Lwanga”
 POINTE-NOIRE “São Pedro”

- No *Gabão*:
 LIBREVILLE “São João Bosco”
 OYEM “São Domingos Sávio”
 PORT-GENTIL “Santa Bárbara”
- Na *Guiné Equatorial*:
 BATA “Maria Auxiliadora”
 MALABO-Elá Nguema “Nossa Senhora de Bisila”
 MIKOMESENG “Nossa Senhora da África”
- Na *República Centro-Africana*:
 BANGUI “São João Bosco”

e também a presença salesiana, ainda não canonicamente erigida, em MALABO-Banapá, na *Guiné Equatorial*.

Fica estabelecido quanto segue:

4. Pertencem à Visitadoria os irmãos que, na data da ereção canônica, vivem e trabalham nas Casas e presenças salesianas acima listadas.
5. Pertencem-lhe também os irmãos em formação vindos de todos os países africanos aos quais se estende a Visitadoria, embora inseridos em comunidades formadoras externas.
6. O âmbito das relações da Visitadoria com as Inspetorias de origem será definido por uma Convenção especial, aprovada pelo Reitor-Mor.

O presente Decreto entrará em vigor no dia 31 de janeiro de 1998.

Roma, 5 de janeiro de 1998.

Sac. Juan E. VECCHI
Reitor-Mor

Sac. Francesco MARACCANI
Secretário-Geral

5.4. Decreto de ereção canônica da Inspetoria Salesiana “São João Bosco” da África Este

Prot. N° 004/98

O abaixo-assinado,
Sac. Juan E. VECCHI,
Reitor-Mor da Sociedade Sale-
siana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvi-
mento dos sócios e das obras
salesianas nos países da Vi-
sitadoria Salesiana da África
Este, constituída em 19 de ja-
neiro de 1988;
- constatando que foram alcan-
çadas as condições descritas
no artigo 157 das Constitui-
ções para promover a vida e
a missão salesiana, com a au-
tonomia que compete a uma
Inspetoria segundo as Con-
stituições;
- obtido o consentimento do
Conselho Geral, na reunião

de 5 de janeiro de 1998, se-
gundo os artigos 132 §1,1 e
156 das Constituições;

mediante o presente Decreto,

ERIGE CANONICAMENTE COMO INSPETORIA

**a existente Visitadoria da
ÁFRICA ESTE**, com todos os
irmãos e casas existentes no ter-
ritório dos Estados do Quênia,
Sudão, Tanzânia e Uganda.

Fica estabelecido quanto segue:

1. A nova Inspetoria conserva o
Título de “SÃO JOÃO BOS-
CO” e mantém a sede em NAI-
ROBI – Upper Hill Road, ca-
sa “Maria Auxiliadora”.
2. O atual Superior da Visita-
doria, P. Stephen CHEMMA-
LAKUZHY, com o consenti-
mento do Conselho Geral, é
nomeado Inspetor, e perma-
nece no cargo até o final do
mandato sexenal recebido co-
mo Superior da Visitadoria.
3. O presente Decreto entrará
em vigor no dia 31 de janeiro
de 1998.

Roma, 5 de janeiro de 1998.

Sac. Juan E. VECCHI
Reitor-Mor

Sac. Francesco MARACCANI
Secretário-Geral

5.5. Carta do Conselheiro para a Formação sobre o plano inspetorial de qualificação do pessoal

Apresenta-se a carta enviada pelo Conselheiro Geral para a Formação aos Inspectores e seus Conselhos para pedir o envio do “plano inspetorial para a qualificação dos irmãos”, segundo o que foi indicado pelo Reitor-Mor em sua Carta circular: “Por vós estudo”.

Prot. 98/0073

Aos Srs. Inspectores e aos seus Conselhos.

Assunto: pedido do “Plano inspetorial para a qualificação dos irmãos”

Caro P. Inspetor,

A carta do Reitor-Mor “*Por vós estudo*”, sobre a “preparação adequada dos irmãos e a qualidade do nosso trabalho educativo” (ACG 361), contém **uma tarefa explícita para cada Inspeção: «a elaboração e a atuação de um plano de qualificação do pessoal»** (ACG 361, p. 34).

Trata-se de uma tarefa em sintonia com a programação do sexênio, na qual urge que se potencialize e renove o empenho dos irmãos pela cultura, o estudo e o profissionalismo; que se

augmente o número dos salesianos qualificados nas áreas típicas da missão educativa e pastoral; que solicite das Inspeções um programa de qualificação do pessoal a ser revisto periodicamente (cf. ACG 358, número especial).

O Reitor-Mor motiva com clareza a importância e as exigências concretas desse empenho. Recordemos algumas afirmações da sua carta.

- A qualificação do pessoal deve constituir um **compromisso prioritário de governo** neste período e deve ser realizado através de uma ação inspetorial programada e constante (cf. ACG 361, p. 32).
- Devemos apostar nesse investimento prioritário e traduzi-lo em alguns compromissos concretos, assumindo também as suas conseqüências aparentemente limitadoras. **Impõe-se uma opção consciente** da Congregação e das Inspeções (ib. p. 20). É necessário dar-se um tempo extraordinário, fazer opções, estabelecer algumas prioridades, caminhar com visão de futuro (ib. p. 23).
- Não é suficiente administrar bem os recursos herdados, devemos estar atentos em suscitá-los, multiplicá-los e de-

senvolvê-los para o futuro (ib. p. 24). A qualificação das pessoas, a consolidação dos centros e das equipes, a promoção de uma certa sensibilidade cultural na Inspetoria, não podem ser fruto de períodos breves, limitar-se ao tempo do sexênio ou fechar-se em cálculos restritos. É indispensável **uma ação de governo continuada e uma visão clarividente**. Um Inspetor que põe em ação um plano de qualificação do pessoal já sabe que não gozará de seus frutos no seu sexênio (ib. p. 24).

- Certamente **não se trata de opções fáceis**, porque não é fácil traduzir em ação de governo o equilíbrio salesiano entre as urgências da missão, a escassez do pessoal e a exigente premência de qualidade. Mesmo para o Reitor-Mor tratou-se de uma **opção empenhativa**, amadurecida com sofrimento na oração. «Conheço as dificuldades em que vários de vós se debatem para cobrir os postos de trabalho e sofro convosco o número reduzido de novas vocações. Devemos, porém, não só administrar a crise, mas semear para o futuro» (ib. p. 34-35).
- Deve-se ter presente a **diversidade de situações** nas Inspetorias quanto às vocações,

ao estado das comunidades e das equipes, à qualificação do pessoal, aos desafios da missão e complexidade das obras, etc. Em todo caso, «para todas as Inspetorias a **valorização máxima dos recursos** humanos é uma obrigação» (ib. p. 24).

- Mas não é suficiente olhar para a Inspetoria; somos **co-responsáveis da missão salesiana além dos confins da nossa Inspetoria**. Cresceu e ainda crescerá a co-responsabilidade para a missão num nível mais amplo. «Uma sábia visão das coisas leva a prover as necessidades locais, mas também a considerar a contribuição a dar em algumas iniciativas que superaram os horizontes inspetoriais e exprimem a missão salesiana em nível regional, nacional e internacional» (ib. p. 24).
- Quanto ao que diz respeito à qualificação do pessoal já estão em ação não poucas iniciativas e algumas Inspetorias já trabalham com generosidade e magnanimidade segundo um plano. Mas é o caso de propor para todos **uma ação inspetorial mais decidida e orgânica**, que se deve traduzir em algumas medidas concretas, como as indicadas explicitamente pelo Reitor-

Mor (ib. p. 33-34). Tudo isso supõe a **elaboração e colocação em ação de um plano inspetorial de qualificação e de requalificação do pessoal**, revisto anualmente, e uma perspicaz administração dos recursos (ib. p. 34).

O Reitor-Mor pede aos Inspetores e aos seus Conselhos que elaborem um plano **inspetorial para a qualificação dos irmãos e façam-no chegar a ele até o final de novembro de 1998**, antes do início da sessão plenária de inverno do Conselho Geral.

«O pedido do programa de qualificação será um momento de comunicação fraterna para tomar consciência de tantos recursos a serem ainda aproveitados e para ajudar-nos a desenvolver todos os dons que o Senhor envia a esta nossa caríssima Congregação» (ib. p. 35). A este pedido seguirá o levantamento das qualificações do pessoal, que será feito pela Secretaria Geral da Congregação.

Apresentam-se em anexo algumas orientações para a apresentação do “plano inspetorial de qualificação”, pedido pelo Reitor-Mor.

Agradeço desde já em nome do Reitor-Mor pela responsabilidade com que responderéis a este pedido.

Com uma saudação fraterna e uma lembrança na oração.

Roma, 15 de janeiro de 1998

P. Giuseppe Nicolussi
Conselheiro Geral
para a Formação

5.6. Novos Inspetores

Apresentam-se alguns dados dos novos Inspetores, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária de dezembro 1997 – janeiro 1998.

1. BUZON Patrício, Inspetor de Cebu, Filipinas Sul

Padre Patrício BUZON sucede ao P. Pietro Zago como guia da Inspetoria das Filipinas Sul, com sede em Cebu.

Nascido em 14 de março de 1950 em Cebu City, é salesiano desde 29 de junho de 1967 quando emitiu a primeira profissão em Canlubang ao final do noviciado. No pós-noviciado de Canlubang frequentou o curso filosófico-pedagógico e, após o tirocínio prático, fez os estudos teológicos no estudantado de Parañaque, Metro Manila, onde foi ordenado presbítero em 8 de de-

zembro de 1976. Completou seus estudos conseguindo a licença em Ciências da Educação

Depois de um período de intenso trabalho educativo e apostólico na casa de Lawa An, Talisay, foi nomeado diretor em 1987, mas no ano seguinte foi transferido, também como diretor, à “Boys’ Town” de Cebu, entrando ao mesmo tempo a fazer parte do Conselho Inspecorial. Em 1992 foi nomeado Vigário do Inspetor, encargo que ainda desenvolvia. Foi nesses anos também diretor de Lawa An, depois da casa inspecorial de Cebu-Talamban e enfim de Cebu-Boys’ Town. Em 1996 participou como delegado da Inspeção ao CG24.

2. da COSTA Raimundo Ricardo Sobrinho, Inspetor de Recife, Brasil

Para orientar a Inspeção do Nordeste do Brasil, com sede em Recife, depois da eleição como bispo do P. Valério Breda, foi nomeado o seu Vigário P. Raimundo Ricardo Sobrinho da COSTA.

Ele nasceu em Lavras (Ceará, Brasil) em 12 de dezembro de 1932 e fez-se salesiano em 31 de janeiro de 1956, emitindo a primeira profissão em Pindamonhangaba, onde fez o noviciado. Conheceu os salesianos freqüentando a escola de Caja-

zeiras, Paraíba. Fez o tirocínio prático na Inspeção de Recife, depois freqüentou o curso teológico em São Paulo, onde foi ordenado padre em 1º de agosto de 1965.

Em 1969 encontramos-lo diretor da casa de formação de Jaboatão-Colônia e de 1972 a 1975 Mestre dos noviços na mesma casa. Em 1976 é nomeado diretor de Jaboatão-Cidade e em 1979 Conselheiro Inspecorial; em seguida de 1983 a 1989 é, por um sexênio Vigário do Inspetor. Depois de um ano ainda de serviço como Mestre dos noviços (1989-1990), em 1990 recebe novamente o encargo de Vigário do Inspetor; por um triênio — 1990-1993 — foi também diretor do pós-noviciado de Recife-Bongi.

3. KRASON Franciszek, Inspetor de Wroclaw, Polônia

P. Franciszek KRASON é o novo inspetor de Wroclaw, Polônia; sucede ao P. Stanislaw Semik, ao final do seu mandato.

Nascido em Góra-Pszczyzna (Katowice) em 6 de julho de 1955, emitiu a primeira profissão em 17 de agosto de 1975 em Kopiec, ao final do ano de noviciado. Freqüentou em seguida os estudos filosóficos e — depois do tirocínio — os teológicos no estudantado de Cracóvia, sua Inspeção de origem sendo aí

ordenado presbítero em 19 de junho de 1982.

Após a ordenação completo os estudos na Universidade Pontifícia Salesiana em Roma (1985-1989), conseguindo a licença em Teologia. Em seguida foi destinado ao ensino no estudantado de Cracóvia; de 1989 a 1994 foi também diretor do pós-noviciado. Membro do Conselho Inspetorial desde 1992, em 1994 foi nomeado Vigário do Inspetor de Cracóvia. Em 1996 participou do CG24 como delegado da Inspetoria.

4. *MEDABALIMI Balaswamy, Inspetor de Hyderabad, Índia*

P. Balaswamy MEDABALIMI sucede ao P. Benjamin Puthota — no final do sexênio — na guia da Inspetoria de Hyderabad, Andhra Pradesh, Índia.

Nascido em Pannur, província de Madrastra, em 7 de março de 1947 professou como salesiano em 17 de junho de 1965 no noviciado de Yercaud. Concluídos os estudos teológicos, feitos no estudantado interinspetorial de Bangalore, foi ordenado presbítero em Pannur, sua cidade natal, em 22 de dezembro de 1975.

Após a ordenação empenhou-se no trabalho educativo-pastoral e em 1982 foi nomeado diretor da casa de Guntur.

De 1985 a 1987 esteve em Roma, na Universidade Pontifícia Salesiana, onde completou seus estudos no campo da espiritualidade. Retornando à Índia, foi nomeado Conselheiro Inspetorial e em 1988 novamente diretor de Guntur. Em 1992 foi eleito Vigário do Inspetor. Desde 1994 era também diretor da casa inspetorial.

5. *NAU Jean-Paul Julio, Superior da Visitadoria de Haiti*

P. Jean-Paul Julio NAU é o novo Superior da Visitadoria Salesiana de Haiti; sucede a Jacques Mésidor, que concluiu o seu mandato sexenal.

Nasceu em 24 de junho de 1946 em Pétion-Ville, diocese de Port-au-Prince e emitiu a primeira profissão salesiana no noviciado de San Antonio de los Altos (Venezuela) e, após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, frequentou o curso teológico em Santo Domingo, e foi ordenado presbítero em Port-au-Prince em 18 de junho de 1977.

Conseguida a licença em Pedagogia junto à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, foi educador e animador em várias casas de Haiti, e também em Santo Domingo, Maria Auxiliadora (1985-1989). Desde 1996 era diretor da casa de Pétion-Ville.

6. *OLAVERRI Miguel Angel, Superior da Visitadoria da África Tropical Equatorial*

P. *Miguel Angel OLAVERRI* é o primeiro Superior da Visitadoria “Nossa Senhora da África”, África Tropical Equatorial, nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, juntamente com a ereção canônica da Visitadoria.

Nascido em Pamplona (Navarra, Espanha), em 9 de maio de 1948, é salesiano desde 16 de agosto de 1966, quando emitiu a primeira profissão no noviciado de Godolleta. Foi ordenado presbítero em Barcelona em 5 de junho de 1976.

Feitos os estudos também em campo civil com a licença em Letras, foi educador e animador em várias casas. Em 1977 partiu para a África, onde foi destinado à casa de Brazzaville “St. Charles Lwanga”, na República do Congo. Desde 1993 era Delegado dos Inspetores para as presenças salesianas na África Tropical Equatorial, agora constituída Visitadoria. Participou do CG24 como delegado da Inspetoria de Paris.

7. *OLIVERAS Lluis María, Superior da Visitadoria da África Ocidental de Língua Francesa*

P. *Lluis María OLIVERAS* é o primeiro superior da Visitadoria “Nossa Senhora da Paz”,

África Ocidental de Língua Francesa, nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, juntamente com a ereção canônica da Visitadoria.

Nascido em 30 de março de 1939 em Barcelona (Espanha), emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1956 no noviciado de Arbós. Feitos os estudos filosóficos e o tirocínio prático, frequentou o curso teológico no estudantado de Barcelona, onde foi ordenado presbítero em 19 de março de 1965.

Após a ordenação, foram-lhe logo confiados encargos de responsabilidade: foi diretor sucessivamente nas casas de Andorra La Vella (1969-1972) e de Barcelona-Dom Bosco (1974-1977). Em 1977 foi nomeado Vigário do Inspetor da Inspetoria de Barcelona.

Partindo para a África, no contexto do “Projeto África”, foi diretor da casa de Korhogo, Costa do Marfim, de 1983 a 1991. Desde 1992 era Delegado dos Inspetores para as presenças salesianas na África Ocidental de Língua Francesa, agora constituída Visitadoria. Participou como observador do CG24.

8. *PRESTON Francis, Inspetor da Grã-Bretanha*

Para guiar a Inspetoria da Grã-Bretanha, no final do mandato do P. Michael Cunningham, foi nomeado o P. *Francis PRESTON*.

Ele nasceu em Oxford, Inglaterra, em 8 de outubro de 1944 e professou como salesiano em 8 de setembro de 1964 no noviciado de Burvash. Foi ordenado presbítero em 5 de julho de 1975 em Oxford, depois dos estudos teológicos feitos em Maynooth, Irlanda.

Diretor da casa de Bollington de 1983 a 1989, foi em seguida Mestre dos noviços no noviciado interinspetorial de Dublin no sexênio 1989-1995. Em 1995 foi nomeado diretor da casa "Sagrado Coração" de Battersea, Londres. Em 1997 foi transferido, também como diretor, juntamente com a comunidade do "Sagrado Coração" à casa "B. Filipe Rinaldi", também em Battersea-Londres.

9. *SOMCHAI Philip Kitnichi, Inspetor da Tailândia*

P. *Philip SOMCHAI Kitnichi* sucede ao P. Joseph Prathan Sridarunsil como guia da Inspetoria da Tailândia.

Nascido em Bangcoc em 29 de julho de 1941, fez o noviciado na casa de Hua Hin, onde emitiu a primeira profissão salesiana em 25 de março de 1963. Depois dos estudos filosófico-pedagógicos e do tirocínio prático foi enviado a Cremisan, Terra Santa, para os estudos de teologia. Foi ordenado presbítero em Jerusalém em 19 de abril de 1973.

Retornando à Tailândia, empenhou-se no trabalho educativo e pastoral. Em 1981 foi nomeado diretor da casa de Hua Hin e, em seguida, em 1988, da casa de Bandon. Em 1992 foi transferido, ainda como diretor, ao grande colégio "Sarasit" de Banpong e em 1994 foi nomeado Conselheiro Inspetorial. Participou do CG24 como delegado da Inspetoria. Desde 1995 era diretor de Haad Hai.

10. *SUCARRATS FONT Juan, Inspetor de Manaus, Brasil*

P. *Juan SUCARRATS FONT* é o novo Inspetor da Inspetoria da Amazônia, com sede em Manaus, Brasil. Sucede ao P. Franco Dalla Valle, nomeado Bispo.

Originário de Tarassa, província de Barcelona (Espanha), onde nasceu em 21 de agosto de 1944, Juan Sucarrats emitiu a primeira profissão salesiana no noviciado de Arbós em 16 de agosto de 1960. Partiu para as missões do Brasil logo depois da profissão perpétua, fazendo os estudos teológicos em São Paulo e em Bogotá. Foi ordenado presbítero em Belém do Pará, na Inspetoria Amazônica em 3 de abril de 1971.

O seu currículo é rico de encargos de responsabilidade, especialmente no campo formativo. Diretor de Ananindeua por um triênio (1978-1981), em se-

guida pároco em Manaus-Alvorada, em 1986 foi nomeado Vigário do Inspetor, encargo que desenvolveu por um sexênio. Em 1989 foi nomeado também diretor do Centro de Formação de Manaus. Secretário Inspetorial de 1994 a 1997 e membro do Conselho Inspetorial, continuou a trabalhar no Centro de Formação. Em 1996 fora nomeado Mestre dos noviços no noviciado de Manaus-Aleixo.

11. *WOREK Jersy, Inspetor de Pila, Polônia*

Para guiar a Inspetoria de Pila, Polônia, no final do mandato do P. Wladyslaw Kolyszko, foi nomeado o P. *Jersy WOREK*.

Ele nasceu em Lódz, Polônia, em 20 de agosto de 1949 e é salesiano desde 16 de agosto de 1969, quando emitiu a primeira profissão em Kutno-Wozniaków. Foi ordenado presbítero no estudantado de Lad, onde tinha feito o curso teológico. Além da licença em Teologia, conseguiu também a licença em Ciências da Educação.

Empenhado no campo educativo, como professor, e no campo pastoral, foi diretor na casa de Lomianki de 1985 a 1988 e em seguida da casa de Rumia “Santo Adalberto” (1988-1991). Em 1991 foi nomeado diretor da obra de Rumia “Maria Auxiliadora”, sede do pós-noviciado. Desde 1988 era Conselheiro Inspetorial.

5.7 Novo Bispo Salesiano

Dom BOLAÑOS Elías Samuel, Bispo de ZACATECOLUCA (El Salvador)

Em 28 de fevereiro de 1998, o Osservatore Romano publicou a notícia da nomeação do sacerdote salesiano *Elías Samuel BOLAÑOS* como bispo da Diocese de Zacatecoluca, El Salvador.

Elías Bolaños nasceu em Santa Ana, El Salvador, em 15 de fevereiro de 1951 e é salesiano desde 10 de janeiro de 1970. Anteriormente fora aluno da escola salesiana de Santa Ana, sua cidade natal.

Fez os estudos filosófico-pedagógicos e teológicos no estudantado salesiano da Guatemala, e foi ordenado sacerdote em Santa Ana em 27 de outubro de 1979.

Depois da ordenação, desenvolveu por alguns anos trabalho educativo e pastoral na Inspetoria; em seguida foi a Roma, Universidade Pontifícia Salesiana, onde conseguiu a Licença em Ciências da Educação (1986).

Voltando à Inspetoria, depois de um triênio no pós-noviciado da Guatemala, foi nomeado em 1989 diretor do Centro Vocacional de Santa Tecla (El Salvador), e em 1992 passou a dirigir a obra técnico-profissional “Ricaldone” de San Salvador. Desde janeiro de 1994 era diretor da “Ciudad de los Niños”. Aqui chegou-lhe a nomeação como Bispo.

5.8. Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.1997

Insp	Tot. 1996	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot. professos	Noviços	TOT. 1997
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AFC	224	13	49	0	0	33	11	0	113	219	21	240
AFE	145	4	34	0	0	19	6	0	76	139	11	150
AFM	66	5	3	0	0	8	0	0	53	69	0	69
ANT	176	4	41	0	0	15	8	0	103	171	10	181
ABA	172	2	3	0	0	13	7	0	131	156	1	157
ABB	141	2	10	0	0	15	7	0	103	137	3	140
ACO	151	1	20	0	0	12	12	0	101	146	5	151
ALP	110	9	12	0	0	10	4	0	72	107	2	109
ARO	143	5	19	0	0	15	6	0	90	135	7	142
AUL	129	3	11	0	0	21	4	0	84	123	3	126
AUS	127	0	7	0	0	12	5	1	95	120	1	121
BEN	232	1	9	0	0	23	4	0	182	219	2	221
BES	100	4	4	0	0	10	2	0	79	99	1	100
BOL	170	11	48	0	0	13	4	0	80	156	7	163
BBH	158	4	13	0	0	24	4	0	105	150	4	154
BCG	150	5	9	0	0	23	8	0	95	140	6	146
BMA	132	3	20	0	0	17	8	0	70	118	6	124
BPA	111	0	18	0	0	9	4	0	80	111	5	116
BRE	93	2	17	0	0	13	1	0	58	91	8	99
BSP	224	2	30	0	0	31	11	0	143	217	11	228
CAM	257	17	27	0	0	27	7	0	158	236	7	243
CAN	41	0	1	0	0	5	2	0	30	38	0	38
CEP	200	6	22	0	0	9	13	1	148	199	0	199
CIL	252	6	33	0	0	19	21	0	163	242	5	247
CIN	134	0	4	0	0	36	2	1	89	132	4	136
COB	170	4	16	0	0	26	4	0	111	161	4	165
COM	162	4	28	0	0	18	7	0	99	156	8	164
CRO	86	1	7	0	0	5	3	0	67	83	0	83
ECU	242	5	30	0	0	23	9	0	160	227	8	235
EST	135	0	53	0	1	2	3	0	65	124	14	138
FIN	201	7	34	0	0	18	8	0	131	198	3	201
FIS	206	9	87	0	0	17	8	1	82	204	21	225
FLY	150	0	4	0	0	30	4	0	109	147	0	147
FPA	224	1	8	0	0	29	2	0	162	202	3	205
GBR	136	1	4	0	0	14	0	0	109	128	2	130
GEK	178	5	12	0	0	36	5	0	116	174	4	178
GEM	273	6	6	0	0	62	7	0	191	272	3	275
GIA	153	2	24	0	0	20	6	0	97	149	0	149
HAI	67	4	23	0	0	1	6	0	27	61	5	66
INB	262	4	52	0	0	19	27	0	144	246	11	257
INC*	348	6	59	0	0	20	8	0	143	236	15	251
IND	207	4	63	0	0	6	3	0	122	198	17	215
ING	334	4	86	0	0	26	28	0	173	317	27	344
INH	149	4	50	0	0	4	9	0	72	139	15	154
INK	278	6	79	0	0	7	22	0	143	257	18	275
INM	450	10	131	0	0	28	41	0	228	438	20	458
INN*	0	0	32	0	0	15	7	0	50	104	10	114

86 ATOS DO CONSELHO GERAL

Insp	Tot. 1996	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot. professos	Noviços	TOT. 1997
		L	S	D	P	L	S	D	P			
IRL	117	3	3	0	0	7	3	0	94	110	1	111
IAD	162	0	18	0	0	28	2	0	116	164	1	165
ICP	810	9	43	0	0	205	7	1	521	786	7	793
ILE	452	8	51	0	0	61	8	0	310	438	6	444
ILT	208	3	15	0	0	31	5	1	153	208	6	214
IME	309	1	18	0	0	40	7	0	234	300	9	309
IRO	309	0	7	0	0	66	3	2	216	294	2	296
ISA	72	1	2	0	0	5	1	0	60	69	0	69
ISI	306	1	9	0	0	28	3	1	259	301	2	303
IVE	283	3	32	0	0	48	8	1	189	281	5	286
IVO	226	2	7	0	0	46	4	0	160	219	0	219
KOR	93	8	28	0	0	13	4	0	37	90	3	93
MDG	66	1	17	0	0	7	5	0	34	64	6	70
MEG	229	6	50	0	0	10	13	0	136	215	18	233
MEM	200	3	46	0	0	14	11	0	109	183	22	205
MOR	172	6	25	0	1	23	7	0	101	163	4	167
OLA	79	0	3	0	0	21	0	1	53	78	0	78
PAR	101	4	17	0	0	6	8	0	65	100	8	108
PER	197	8	49	0	0	12	14	0	103	186	8	194
PLE	365	6	98	0	0	17	14	0	213	348	22	370
PLN	331	4	69	0	0	11	20	0	208	312	16	328
PLO	240	2	27	0	0	3	11	0	192	235	6	241
PLS	253	2	34	0	0	10	21	0	174	241	15	256
POR	197	3	18	0	0	46	12	1	113	193	5	198
SLK	251	6	76	0	1	12	13	0	128	236	14	250
SLO	145	2	11	0	0	11	10	0	106	140	0	140
SBA	238	0	9	0	0	40	7	1	172	229	3	232
SBI	255	2	17	0	1	54	21	0	150	245	3	248
SCO	149	4	24	0	0	7	2	2	107	146	7	153
SLE	252	5	9	0	1	71	7	0	151	244	1	245
SMA	409	3	27	0	0	100	19	0	239	388	3	391
SSE	190	4	24	0	0	26	9	0	121	184	0	184
SVA	205	4	13	0	0	32	8	0	138	195	8	203
SUE	214	2	9	0	0	42	2	0	154	209	3	212
SUO	116	5	15	0	0	23	1	0	77	121	2	123
THA	103	3	12	0	0	14	0	0	66	95	0	95
UNG	75	4	14	0	1	4	0	0	44	67	5	72
URU	137	1	18	0	0	7	7	0	97	130	3	133
VEN	252	7	40	0	1	18	7	1	168	242	14	256
VIE	143	11	40	0	0	15	30	0	45	141	24	165
ZMB	64	0	16	0	0	5	5	0	38	64	1	65
UPS	128	0	0	0	0	13	0	0	120	133	1	134
RMG	73	0	0	0	0	17	0	0	66	83	0	83
T.	17425	343	2412	0	7	2127	717	16	11139	16761	602	17363
Bispos	96								97			97
T.	17521	343	2412	0	7	2127	717	16	11139	16858	602	17460

Nota: 1) INN (*) é Inspetoria nova, a partir de 1997, destacada da INC (*)

2) Os dados de três Inspetorias (FIS, HAI, INM) não são totalmente seguros.

5.9. Irmãos falecidos (1998 – 1ª lista)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (*Const.* 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P AGÜERO José María	Barcelona	09-01-98	75	SBA
P ALLENDE ENCALADA Pedro	Santiago de Chile	17-01-98	90	CIL
P ARAMAYO ZALLES Alberto	La Paz	02-02-98	91	BOL
L ARBANEY Renzo	Colle Don Bosco	13-02-98	67	ICP
P BACZKOWSKI Zbigniew	Cracóvia	28-02-98	83	PLS
P BALBO Gérard <i>Foi Inspetor por seis anos</i>	Caen	28-03-98	66	FPA
L BERTRAND Jean	Toulon	16-03-98	88	FLY
P BONSIGNORE Salvatore	Catania	26-01-98	85	ISI
L BRZOSKO Boguslaw	Lutomiersk	22-02-98	76	PLE
P CAMMAROTA Nicola	Roma	24-03-98	88	IRO
L CANTONI Guido	Turim	05-02-98	75	ICP
P CAPPELLETTI Pompeo	Arborea (OR)	12-02-98	86	ISA
P CHARPANATH Joseph	Mannuthy	06-12-97	78	INK
P CHIARANTI Ugo	Chieri	12-03-98	63	ICP
P COLLINS James	Oakland, CA.	07-03-98	85	SUO
P DEFILIPPI Aldo	Turim	16-03-98	87	ICP
P D'HOSE Odon	Lubumbashi	22-12-97	74	AFC
P DIAMANTI Alessandro	Roma	11-03-98	77	IRO
P DIAZ RIVAS Ambrosio <i>Foi Inspetor por seis anos</i>	Campello	13-01-98	86	SVA
P DRAISCI Salvatore	Cerignola (FG)	29-01-98	71	IME
L GARCÍA JIMÉNEZ Juan Francisco	Santo Domingo	27-01-98	66	ANT
L GASPARINI Augusto	Bolonha	08-02-98	92	ILE
L GIACOMINI Giuseppe	Campo Grande	19-02-98	93	BCG
P GOMES Álvaro dos Santos	Lisboa	15-03-98	70	POR
L GREGUS Ignác	Bánovce nad Bebravou	08-11-97	76	SLK
L GUIDI Gaetano	Roma	24-01-98	85	RMG
L JAUREGUI EPELDE Teófilo	Bilbao	23-02-98	71	SBI
P KOMAR Józef	Wroclaw	17-01-98	83	PLO

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
L LAMBERTO Lorenzo	Turim	24-02-98	77	ICP
P LAVATELLI Mario	Casale Monferrato (AL)	21-02-98	76	ICP
P LIEVANO José Manuel	Santafé de Bogotá	23-02-98	90	COB
P LORENZATTI Vittorio	Lombriasco	04-02-98	84	ICP
P MARCHIONNI Mario	Muzzano (BI)	24-02-98	64	ICP
L MARTIN Henri	La Crau	02-02-97	89	FLY
P MASSON Manuel	Córdoba (Argentina)	31-12-97	78	ACO
P MELIÁN Omar	Paso de la Horqueta	06-03-98	68	URU
P MEZZACASA Fiorenzo	Buenos Aires	21-03-98	70	ABA
P MINONZIO Alfonso	Arese (MI)	20-02-98	77	ILE
P O'DRISCOLL James	Kerry	15-03-98	84	IRL
P OLOS Stefan	Lubochna	26-02-98	80	SLK
P PACIARONI Aristides	Venado Tuerto	11-03-98	82	ABA
P PAGLIARI Andrea	Brescia	09-01-98	83	ILE
P PENÍN Salvador	Vigo	05-01-98	73	SLE
L PERON Augusto	Bomboiza	01-01-98	93	ECU
P RIBOTTA Francis	San Pedro (Califórnia)	24-02-98	79	SUO
P ROBINO Henri	Saint-Brieuc	31-03-98	84	FPA
S RODRIGUEZ Angel Alfredo	Los Teques	26-03-98	25	VEN
P ROSSO Giuseppe	Colle Don Bosco	17-02-98	73	ICP
P RUBBO Bortolo Paolo	Veneza-Mestre	24-03-98	75	IVE
P SANTOS SANCHEZ Ricardo	Valsalabroso (Salamanca)	16-02-98	65	SSE
P SARMIENTO José Antonio	Santafé de Bogotá	23-02-98	65	COB
P SCHLOOZ Frank	Madras-Ayanavaram	20-03-98	85	INM
P TEUFEL Hermann	Graz	18-01-98	59	AUS
P VARRÀ Gregorio	Bari	06-01-98	48	IME
P VERHAEGHE Jozef	Hoboken	27-03-98	87	BEN
P VITALI Giuseppe	Banpong	25-03-98	89	THA
P VYORAL Alois	New Rochelle, N.Y.	27-01-98	77	SUE



Impressão e acabamento:

ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441 • CEP 03105-020 • São Paulo - SP

Fone: (011) 277-3211 • Fax: (011) 279-0329 • Fax (Vendas): (011) 279-4084

Tela: (011) 32431 - ESPS BR • Caixa Postal 67541 - CEP 03102-970

E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br • Home page: <http://www.salesianos.org.br>

salesianos